



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA.
FACULDADE DE TEOLOGIA.

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico).

ALBINO PATRÍCIO.

**A Igreja católica em Nampula pós-independência:
Experiência eclesial do povo macua.**

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Doutor António Matos Ferreira.

Lisboa

2021.

**A IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA PÓS-INDEPENDÊNCIA:
EXPERIÊNCIA ECLESIAL DO POVO MACUA.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da
Universidade Católica de Lisboa, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestrado em Teologia, na
Área Histórica.

Albino Patrício.

Orientador: Prof. Doutor António Matos Ferreira.

Lisboa/2021.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço a todos aqueles que em épocas distintas e em níveis diversos, me ajudaram e encorajaram, com o seu constante apoio e estímulo, ao longo desta caminhada estudantil, deixando marcas indeléveis na minha vida como estudante e, acima de tudo, como pessoa.

Expresso o meu sincero agradecimento ao meu orientador, Prof. Doutor António Matos Ferreira, pela clarividência intelectual e sentido crítico, mas, sobretudo, pelas suas qualidades humanas, com que me acompanhou ao longo desta dissertação.

Agradeço aos meus professores de Mestrado Integrado em Teologia da Faculdade de Teologia de Lisboa, que me acompanharam com os seus ensinamentos ao longo do curso.

Agradeço a todos os membros dos Missionários de São João Baptista que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta minha formação académica fosse concretizada.

Agradeço ainda, de uma forma também especial, a todos os meus familiares e amigos, pelo companheirismo e desejos de coragem manifestados.

A todos, o meu muito obrigado.

Índice.

Siglas e abreviaturas.....	6
Resumo /Abstract.....	7
Introdução.....	8
Capítulo 1. O POVO MACUA E A SUA IDENTIDADE CULTURAL.	
1. A origem dos macuas e as suas religiões tradicionais.....	12
1.1. Organização social do povo macua.....	15
1.2. A identidade e pertença dos macuas na comunidade cristã.....	18
1.3. A Igreja Católica e os macuas como família.....	20
Capítulo 2. A IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA PÓS-INDEPENDÊNCIA.	
2. A Igreja Católica em Nampula por ocasião da Independência.....	25
2.1. A Igreja de Nampula pós-Independência.	30
2.2. A Igreja confrontada pela política.....	32
2.3. Uma Igreja livre pela política moçambicana.....	35
2.4. A Igreja de Nampula durante a guerra civil.....	38
Capítulo 3 -A IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA NA ATUALIDADE.	
3. A reconstrução da Igreja pós-guerra civil.....	44
3.1. O progresso da arquidiocese de Nampula.....	48
3.2. A Igreja Católica e outras religiões de origem cristãs em Nampula.....	49
3.3. A pastoral atual da Igreja Católica em Nampula.....	52

Capítulo 4- OS DESAFIOS DA IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA.

4.Os desafios atuais da Igreja de Nampula.....	57
4.1. A proliferação de confissões religiosas na arquidiocese.....	60
4.2. A receção dos acordos de Roma na Igreja de Nampula.....	64
4.3. O futuro da Igreja de Nampula.....	66
Conclusão.....	70
Bibliografia.....	74

SIGLAS/ ABREVIATURAS

AMA	África Muslims Agency
AMCM	Associação das Mamãs Católicas de Moçambique
APARF	Associação Portuguesa de Amigos de Raoul Follereau
AIS	Ajuda à Igreja que Sofre
ASA	Ação Social Arquidiocesana
CCM	Conselho Cristão de Moçambique
CMM	Comunidade Muçulmana de Moçambique
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
FTRD	Fundação Teresa Regojo para o Desenvolvimento
IC	Igreja Católica
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
ONGs	Organizações não-governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique

RESUMO: A dissertação que temos entre mãos é o resultado de uma pesquisa na qual o objetivo fundamental é analisar a Igreja Católica em Nampula no período da pós-Independência, com especial incidência na experiência eclesial do povo macua. A centralidade deste trabalho reside, assim, no progresso obtido pela Igreja Católica na sua relação com o povo macua. Este trabalho tem quatro capítulos. No primeiro capítulo analisamos a origem e as religiões tradicionais do povo macua, a sua organização social e a sua pertença à comunidade cristã. No segundo capítulo apresentamos a noção de uma Igreja de viragem desde as vésperas da Independência, pós-independência e as atrocidades que houve até a guerra civil. No terceiro capítulo tratamos do tema da Igreja Católica na atualidade, dos progressos obtidos e das suas atividades pastorais. Por último, no quarto capítulo, abordamos os desafios atuais como a proliferação de confissões religiosas de origem cristã na arquidiocese, a receção dos acordos de Roma e perspetivamos o seu futuro.

PALAVRAS-CHAVES: Igreja Católica em Nampula; o povo macua e a Igreja; Igreja pós-Independência.

ABSTRACT: This dissertation is the result of research in which the fundamental objective is to analyze the Catholic Church in Nampula in the post-Independence period, with special emphasis on the ecclesial experience of the Macua people. What is central in this dissertation is, therefore, the progress made by the Catholic Church in its relationship with the Macua people. This dissertation has four chapters. In the first chapter we analyze the origin and the traditional religions of the Macua people, their social organization and their belonging to the Christian community. In the second chapter we present the notion of a church of change since the eve of Independence, post- Independence and the atrocities that took place the civil war. In the third chapter we deal with the topic of the Catholic Church today, the progress made and its pastoral activities. Finally, in the fourth chapter we deal with current challenger such as the proliferation of religious confessions of Christian origin in the archdiocese, the reception of the Rome agreements and we think about what their future might be.

KEYWORDS: Catholic Church in Nampula; the Macua people and the Church; post-independence Church.

INTRODUÇÃO

Não sei desde quando o estudo da “Igreja Católica em Nampula pós-independência: experiência eclesial do povo macua” começou a despertar o meu interesse. Talvez tenha sido por alguns macuas não terem reconhecido o esforço feito durante muitos anos pela Igreja Católica naquelas terras. Por essa razão, aventurei-me a fazer um estudo sobre a arquidiocese de Nampula que trabalha com o povo macua. Pretendo trazer à tona o enraizamento da catolicidade em Nampula e a sua evangelização. Logicamente, para compreendermos melhor esta abordagem, é incontornável um recuo no tempo. Aliás, toda a História é feita do passado, do presente que perspetiva o futuro. Todavia, este trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo a nossa reflexão incide, essencialmente, no estudo do povo macua e a sua identidade cultural, onde abordaremos a origem desse povo e as suas religiões tradicionais, a sua organização social, e olharemos atentamente a identidade e pertença à comunidade cristã e a familiaridade existente entre a Igreja Católica e os macuas.

O povo macua, segundo a tradição, é oriundo das serras que se localizam na vizinha província da Zambézia. As suas religiões tradicionais estão longe da proposta evangélica. O macua, após a sua receção do Evangelho, nunca esqueceu alguns dos contornos das religiões tradicionais. Isto nota-se muitas vezes, sobretudo quando o cristão macua não tem em conta as normativas divinas.

Ao considerarmos a religiosidade tradicional desse povo e a forma como reagiu ao Evangelho, percebemos que alguns macuas ainda caminham com essas religiões. Em Nampula existem as religiões tradicionais africanas que estão em grande destaque em toda a arquidiocese, em que de uma forma consciente ou inconsciente se torna difícil o enraizamento do Evangelho em muitos contextos.

Na organização social desse povo, na sua estrutura, veremos que não tem uma governação formal. O decano da tribo é o governo de todos. A política e a distribuição dos poderes cabe ao mesmo. O tio uterino é o responsável da linhagem e não tem todos os poderes da governação familiar. O decano da tribo é que tem todos os poderes de aconselhar, legislar segundo a tradição, administrar justiça e guardar com fidelidade as tradições culturais.

Quanto a integração nas comunidades cristãs, obviamente, alguns macuas têm problemas de identidade e de pertença. Apesar desta dificuldade que abrange toda a zona do litoral, a arquidiocese apostou na edificação da Igreja local. Contudo, os cristãos praticantes e não praticantes, assim como com as pessoas de outras confissões religiosas, há um elo existente com a Igreja Católica. Para além da evangelização, a Igreja, nalguns momentos, promove a formação humana dos “ritos de iniciação” das raparigas e dos rapazes, a resolução dos problemas nos agregados familiares, a educação profissional e outros aspetos. Porém, o domínio da solidariedade e da formação humana são fatores dominantes na arquidiocese. Isto leva a que o povo macua e a Igreja Católica sejam como uma família. É na Igreja que os macuas encontram outra dimensão da família alargada. Para os macuas, a Igreja, para além de ser uma instância de fé, é também uma referência à qual novos agregados familiares aderem.

No segundo capítulo, faremos uma análise dessa Igreja que está no território dos macuas, no norte de Moçambique, e consideraremos o seu envolvimento com as realidades do passado e do presente. É uma Igreja que, desde o tempo colonial, no período pós-Independência até aos nossos dias, tem as suas influências, tanto na evangelização como no contributo para a libertação. Antes da Independência em Moçambique, o povo macua, como outros povos, sofreu por causa do colonialismo e das pessoas ditas assimiladas. Este foi um período de tremenda desumanização. A Igreja foi convidada a repensar novos caminhos para solucionar vários problemas causados por esse sofrimento. Foi assim que a Igreja se manifestou para que o povo fosse salvo.

O Deus de todos os homens concedeu liberdade para se ter Independência. Mas depois da Independência, a liberdade trouxe sérios problemas e até frustrações. Os colonizadores abandonaram as terras, e a situação ficou pior do que se tinha pensado. Foi um período muito difícil que a Igreja moçambicana viveu. Alguns cristãos não puderam ter liberdade de expressão e de culto, vivendo na clandestinidade devido ao medo da perseguição do Governo. Reinou a discriminação entre irmãos da mesma nação, nacionalizaram-se as infraestruturas da Igreja, proibiu-se o culto, e a perseguição dos próprios cristãos tornou-se prática recorrente. Pois a Igreja estava praticamente a enfrentar a política marxista-leninista moçambicana.

Apesar de todos estes obstáculos, a Conferência Episcopal de Moçambique e outras religiões cristãs sempre trabalharam para que houvesse liberdade. Depois da pugna pela liberdade a Igreja ficou livre da política. Porém, algo inesquecível na mente do povo macua é relembrar uma Igreja livre de todas as atrocidades da política moçambicana. Portanto, os

próprios libertadores do colonialismo dividiram-se, e houve uma nova guerra que se designou por “guerra civil”. Ao debruçarmo-nos sobre como é que a mesma Igreja viveu durante esse período notamos uma maior harmonia entre a Igreja e o povo macua. Esta guerra deixou as missões da arquidiocese de Nampula desertas. A Igreja é convidada a encontrar novas soluções.

No terceiro capítulo, olharemos para as principais estratégias de renovação desta Igreja pós-guerra civil. Obviamente, depois da guerra, a Igreja de Nampula precisou de uma reorganização muito urgente. A reconstrução foi feita pelos missionários em colaboração com os leigos. Foi um período de trabalho árduo, seja para os agentes evangelizadores, seja para os evangelizados. Com a dinamização do povo macua e com várias formações que a Igreja oferecia, a arquidiocese foi crescendo em diversos âmbitos, como, por exemplo, na pastoral e nas vocações religiosas.

Para além desta nova estruturação em Nampula, foram surgindo enormes desafios como a proliferação das outras religiões, que levam a problemas de identidade e de integração para as comunidades cristãs. Quando os cristãos abandonam as suas Igrejas de origem, formando novas seitas, a Igreja Católica nunca os abandona, isto é, tem boas relações com eles. Pois a Igreja reconhece que nas outras religiões de origem cristã também há algo de bom para a salvação do Homem. Todavia, seria menosprezar não tocarmos o cerne da própria Igreja que é a pastoral. No panorama do desenvolvimento da pastoral houve um progresso. É lógico que os desafios nunca faltaram. Porém, a pastoral atual da Igreja de Nampula envolve múltiplas dimensões como a evangelização, a saúde, a educação, a hospitalidade, entre outras.

Todavia, esta pastoral precisa do tempo e de disponibilidade para acompanhar as situações diárias das comunidades. A disponibilidade brota de um espírito crente de ambas as partes, do emissor e do recetor. A Igreja que caminha com os macuas reconhece que todos nós bebemos da mesma fonte do Evangelho. Portanto, a arquidiocese pensa em função da comunhão e do bem comum das suas paróquias sem anular a diversidade.

Em Nampula a pastoral é vista como um critério de realidade para estruturar o discernimento e a ação da comunidade. Porém, é preciso não esquecer os ensinamentos de Jesus Cristo que é ápice de toda a Evangelização. Contudo, há uma totalidade no Evangelho que a Igreja guarda, isto é, a Palavra de Deus.

A ação pastoral tem como horizonte o ser humano, aliás o evangelho aparece para a salvação do homem, ou seja, ao serviço da plenitude humana. Por isso, qualquer crente encontra o consolo pastoral nas paróquias, nas comunidades e nas associações. Só com amor de Cristo a Igreja encontra inspiração para a renovação da sua pastoral. Na realidade da Igreja de Nampula hoje, a perspectiva da fé propõe um olhar sobre essa realidade a partir do Evangelho e a proposta para que as famílias se tornem, elas próprias, evangelizadoras.

A transmissão do Evangelho exige conhecer a sociedade local e a sua linguagem. Um tempo em que a fé é posta em causa, a Igreja de Nampula, reconhece profundas transformações, mostrando o testemunho cristão num sentido adverso, ou seja desafia a uma grande capacidade interpeladora.

Por fim, no quarto e último capítulo, teremos a oportunidade de apresentar como foram recebidos os acordos de Roma, os desafios atuais e a perspectiva do futuro próximo. Com os acordos de Roma, o povo macua, na sua Igreja, mostrou-se muito solidário em todos os domínios da vida humana. A Igreja e os macuas colaboraram muito em relação aos irmãos regressados da guerra civil, não somente no que respeita a donativos, mas também ao fortalecimento da fé e à integração social. Apesar de tudo, a Igreja de Nampula continua com imensos desafios. Para além da proliferação de confissões religiosas, que é um desafio primordial, há também a fraca assistência dos párocos nalgumas comunidades cristãs.

No que toca ao futuro dessa Igreja, logicamente, a Igreja é convidada a repensar novas formas de evangelização. Apesar de ter uma base consistente na sua estrutura eclesial, ainda carece de um cuidado muito delicado com o seu povo. É um povo que facilmente se deixa levar para outras Igrejas protestantes devido à falta de uma catequese sólida.

Portanto, não nos podemos esquecer de que a história cristã em Nampula foi feita pelos missionários e pelo povo macua. Claro que não faltaram, como em todas as outras histórias dos homens, alegrias e tristezas, êxitos e fracassos, que ajudam a dar sentido a uma Igreja construtora de paz.

Capítulo 1

O POVO MACUA E A SUA IDENTIDADE CULTURAL.

1. A ORIGEM DOS MACUAS E AS SUAS RELIGIÕES TRADICIONAIS.

A atual arquidiocese de Nampula é habitada pelo povo macua. Os macuas são um dos grupos mais numerosos de Moçambique e um dos mais antigos povos oriundos dos bantus que imigraram para o norte do país, expulsando os pigmeus. A origem comum dessa sociedade macua é formulada e apresentada pelos respetivos mitos sobre a origem do mundo e do Homem. Nas tradições que nos transmitem nas suas histórias míticas é quase um dado comum designar o "monte Namuli,"¹ na atual província da Zambézia, como o lugar originário primordial. Segundo a mitologia popular, temos narrações tradicionais a respeito desse povo. A reminiscência dessas tradições orais dizem-nos que Deus criou o homem e a mulher no monte Namuli, e por sua vez, multiplicaram-se. Na medida em que o número aumentava, deslocavam-se do monte à procura de terras férteis para o cultivo e à procura de sal para confeccionar os seus alimentos.

[...] Os primeiros homens, depois de serem criados por Deus nas grutas mais altas da serra, organizaram uma viagem até à planície, descendo por vários caminhos. Na medida em que se iam separando, dando origem aos diferentes grupos que hoje compõe o povo macua, diferentes na maneira de falar e em algumas expressões culturais, mas unidos entre si pelos laços mais fortes da língua e da cultura.²

O povo macua não deixou para trás o seu sofrimento e desenvolvimento. De precarização de vida nómada, os macuas transformaram-se em povo sedentário. As suas preocupações diziam respeito à habitação, ao cultivo, à caça e à defesa, principalmente dos animais ferozes. Os macuas subdividem-se em grupos que têm em comum a cultura, a língua e a estrutura social.

¹ O monte Namuli localiza-se perto de Gurué, na Alta Zambézia; na atual Província da Zambézia, que é a segunda montanha mais alta de Moçambique, situado na região dos Lomwés, considerado como o berço da Humanidade dos macuas. Segundo a mitologia, nas encostas do monte pode-se ver as pegadas dos primeiros homens.

² Cf. Francisco Lerma Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 2ª ed. Maputo, Editora Paulinas, 2008, 40.

Ao decifrarmos a religiosidade dos macuas, verificamos que eles consideram a vida como um valor absoluto atribuído por Deus. Portanto, ao mesmo tempo é impossível negar a existência de Deus, pois seria negar a própria vida. A religiosidade dos macuas envolve um universo ocupado de seres espirituais enigmáticos que formam uma única realidade. É de salientar que, antes da chegada do Cristianismo, em Moçambique, concretamente em Nampula, alguns macuas nunca deixaram as diversas práticas religiosas tradicionais. Aliás, esta simbiose religiosa é transversal a outros lugares como afirmou Bento XVI: «A Igreja vive diariamente com os adeptos das religiões tradicionais africanas. Estas religiões que fazem referência aos antepassados e a uma forma de mediação entre o homem e a imanência, são o húmus cultural e espiritual donde provém a maior parte dos cristãos convertidos e com o qual mantêm um contacto diário. [...]»³

Ao falarmos destas religiões dos macuas podemos mencionar algumas, como por exemplo, a invocação de Deus com a farinha de milho “Makeya” num lugar sagrado escolhido pela comunidade, de preferência, de baixo de um imbondeiro “Mulapa” ou de qualquer arbusto. A outra característica dos macuas para manifestarem a sua fé tradicionalmente é a expulsão dos espíritos malignos nas pessoas possesadas “Eyotto”, a invocação da chuva “Mukuttho”.

O sacrifício tradicional “Mukuttho” é a forma do culto mais importante e mais generalizado da sociedade macua. Tem, em primeiro lugar uma importância ontológica, uma vez que os homens, realizando o sacrifício, procuram entrar em contacto direto e de maneira privilegiada com aquilo que dá consistência, unidade e garantia ao próprio ser, a força vital, por meio da mediação necessária dos antepassados.⁴

Para os macuas tudo gira à volta da vida. «Tudo aquilo que se refere à dimensão religiosa do existencial anda à volta de um valor fundamental, a vida. Todo o mundo espiritual está, logicamente, ao serviço da vida, [...] Deus é quem dá consciência e unidade a todo o processo vital.»⁵ Nas religiões tradicionais dos macuas a feitiçaria, a magia e o curandeirismo têm grande cabimento. As preocupações com a saúde, o bem-estar da família, o sistema climático e a proteção contra os maus espíritos, conduzem às vezes a praticar as religiões tradicionais.

³ Cf. Bento XVI- *Africae Munus*, (19 de Novembro 2011), *O compromisso da África, Exortação Apostólica pós-Sinodal*; nº 92, Prior-Velho, Paulinas, 2011.

⁴ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 214.

⁵ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 77.

Mormente, para o macua não faz muito sentido o processo vital da existência humana sem a presença de um antepassado. Os macuas verdadeiramente ditos consideram os antepassados como mediadores dos vivos e do divino. Contudo, com a evolução das sociedades, principalmente nas zonas urbanas, estas tentam afastar-se dessa esfera religiosa, e em algumas zonas, esta prática prevalece. Os macuas consideram que o sagrado é algo incontornável, e do nada invocam o nome de Deus. Decerto Deus é visto como o restaurador das suas atividades diárias.

O sagrado é eminente e dinâmico, está presente e atua constantemente na vida quotidiana do homem macua. Deus “Muluku”, a pessoa “mutthu” e o cosmos “Elapo yothene” formam a permanente unidade existencial e dinâmica da sociedade macua. O sagrado, nesta sociedade, não é vivido como algo separado do profano; é que, na cosmovisão macua, não há distinção nítida entre a esfera religiosa e a profana. Por isso, temos que ter presente que a religiosidade penetrou em todos os ritos da comunidade, e especialmente nos ritos de passagem. Cada uma das fases do ciclo vital está intimamente relacionada com os valores absolutos, em última análise, com Deus, que dá firmeza e vigor a todo o processo.⁶

É de importância capital lembrar algumas zonas em que o Cristianismo penetrou pela primeira vez, como na Ilha de Moçambique, terra que faz parte do território dos macuas. Antes da chegada do Cristianismo, esta zona dos macuas, especialmente na Ilha, onde foi celebrada a primeira Missa, era frequentada pelos comerciantes árabes que trocavam as suas especiarias pelos produtos locais. Eles por sua vez deixaram as suas marcas de religiosidades: “O Islamismo” que teve enfoque quase em todo o litoral da província. Os macuas muçulmanos educam os seus filhos desde criança a frequentar as escolas islâmicas – “madrassas” – para a aprendizagem do Alcorão. «No caso dos Muçulmanos de Moçambique, os jovens pregadores islâmicos estudam no estrangeiro em países como o Egipto, o Kuwait, a Arábia Saudita e África do Sul. Muitos regressam, tendo adotado uma interpretação restrita do Islamismo.»⁷

O Islamismo, como tal, alastrou-se em grande percentagem no litoral dos macuas. Na Ilha de Moçambique é visto como o cerne da religião. Há, presentemente um diálogo inter-religioso entre o Islamismo e o Cristianismo, e ao mesmo tempo é o lugar de convergência destas duas religiões. Outros locais com muita aderência do Islamismo ao nível da

⁶ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 77.

⁷ Cf. Régis Anouil et al., *relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, (Moçambique), ed. Fundação AIS, Lisboa, 2014-2016, 516.

arquidiocese de Nampula são Nacala-Porto, Mossuril, Angoche, Moma, Mogincual, Momba e Nacala-à-Velha. Segundo o relatório sobre a liberdade religiosa no mundo afirma-nos:

Em Moçambique os cristãos constituem a maioria no sul e nas cidades, enquanto os Muçulmanos, a maior parte dos quais sunitas, encontram-se sobretudo no norte e ao longo da costa. Há também inúmeros seguidores das crenças africanas tradicionais, acima de tudo nas zonas rurais. A vida religiosa em Moçambique é não só excepcionalmente diversificada, como também muito dinâmica e, como consequência, o País tornou-se numa atração para os grupos missionários evangélicos incluindo a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).⁸

O Islão entrou facilmente na cultura macua, de modo que assimilou muitos dos seus costumes, tendo também imposto os seus princípios e doutrinas, atingindo de forma evidente a vida social dos macuas; nas festas familiares, nos ritos fúnebres e tradicionais. Isto levou a que, de uma e de outra forma, se criasse um grande obstáculo ao anúncio do Evangelho. Este facto não implica que não haja cristãos nestas zonas do litoral, aliás, a diocese de Nacala, a sua sede episcopal, está na zona litoral.

Os macuas cristãos crêem num Deus Criador e Senhor da vida e consideram a Pessoa de Jesus Cristo como Filho de Deus. Sobretudo com a chegada efetiva dos Portugueses, os macuas abraçaram o Cristianismo com muita fé, apesar de enfrentarem constrangimentos com a sua cultura. Pois, as comunidades rústicas caracterizavam-se pelo processo das religiões tradicionais, exorcismos, poligamia e outras práticas, o que cria uma oposição ao Evangelho.

1.1 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO POVO MACUA.

Desde a criação do mundo, o homem foi feito para viver em sociedade. Do mesmo modo, «O homem, na sociedade macua, quando se encontra longe do povo sente-se desorientado, sem força nem entusiasmo. De fato, a sua força está na sociedade e sem ela ou longe dela sente-se alienado»⁹. Para o macua o “ser” é estar em relação com os outros. Para compreender melhor o homem macua é preciso um estudo das suas estruturas sociais, políticas e religiosas onde verificamos essa relação com os outros. Nesta vertente temos o agregado familiar como uma base incontornável. «A tribo ou o clã, parentesco ou família alargada, constitui a estrutura da existência quotidiana dos africanos, e o respeito por esta

⁸ Cf. Anouil, et al., *relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, 516.

⁹ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 55.

entidade é mais importante do que o respeito pelo indivíduo.»¹⁰ Portanto, a tribo também engloba os vivos e os falecidos queridos.

Na organização social dos macuas «um homem e uma mulher, unidos em matrimónio, formam, com os seus filhos, uma família. Esta disposição precede todo e qualquer reconhecimento por parte da autoridade pública e impõe-se a ela. Deverá ser considerada como a referência normal, em função da qual serão apreciadas as diversas formas de parentesco»¹¹

Todo o macua é constituído por “*Nloko*.”¹² É nesta estrutura que é escolhido o chefe da família. Logicamente deve ser o mais velho de todos. Porém, todos os membros da unidade uterina usam o mesmo apelido familiar que se designa por *Nihimo* (clã). Nos membros há aspetos afetivos, como as relações de fraternidade e os aspetos jurídicos em relação aos direitos e deveres que orientam as mútuas relações.

Apesar de a família moçambicana em geral se reger pela lei da família, segundo a Constituição do país e os demais instrumentos de Direito Internacional, é imprescindível ter presente a sua estrutura e organização sócio-cultural, para que se possa compreendê-la e analisá-la. Dentro da estrutura e organização sócio-cultural da família moçambicana, o menor grupo social é a família nuclear, composta pelos pais e filhos.»¹³ No mesmo caminho podemos aludir «A família polígama, constituída por duas ou mais esposas, vivendo cada uma em sua casa, com os seus filhos e um marido único, que, às vezes, vai dormir ora em casa de uma, ora de outra. Estas casas funcionam, na realidade, como casas de famílias nucleares cujo esposo é simultaneamente, chefe de cada uma delas.»¹⁴

Portanto, para o homem macua ter acima de duas mulheres constituía o ser homem no sentido verdadeiro; da mesma forma, gerar muitos filhos considerava-se uma riqueza. Para os macuas muçulmanos, também ter duas mulheres ou mais é algo sagrado segundo a imitação do seu profeta Maomé que teve muitas mulheres. Hoje esta prática diminuiu consideravelmente, devido à evolução da própria sociedade e às condições sociais. Estas não permitem que os homens macuas tenham muitas mulheres.

¹⁰ Cf. Jostein, Gaarder *O livro das religiões*, 3ª ed. Editora Presença, Lisboa, 2007, 100.

¹¹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº2202.

¹² “*Nloko*”- é conjunto de várias unidades uterinas e cada unidade uterina recebe o nome de Erukulu (ventre).

¹³ Cf. Eurico Jorge Nicuíá, *Igreja como família de Deus: aproximação para uma eclesiologia moçambicana segundo a Exortação Apostólica pós-sinodal*, (tese de Mestrado), s.d, Porto Alegre, 2007, 22.

¹⁴ Cf. Rumo Novo, *Revista católica de inculturação e reflexão pastoral. Moçambique*: ano VII. nº 19. Agosto de 1997. P.8. in: *breve sunto sulla cultura maconde*, a cura di Nicoletta Diamanti, tratto dall' opera di Jorge e Margot Dias. Os macondes em Moçambique. vols I, II e III. Lisboa:1964-1970.

Para os macuas, a família é constituída por uma junção de pequenas unidades familiares, formadas por grupos da linhagem matrilinear. Isto é, todos os membros do conjunto de unidades uterinas (*Nloko*). Assim, os macuas são naturalmente de uma família tradicional. Portanto, entre várias tradições dos macuas é notório haver um pai que trabalha e uma mãe que cuida do lar e dos filhos.

A ideia denominada família tradicional com um pai que trabalha e uma mãe que cuida da casa e dos filhos [...] esta imagem não reflete a realidade do atual mundo pós-industrial nem do terceiro mundo, donde a mãe precisa trabalhar. Como as doutrinas atribuem tanta importância ao significado e à função da maternidade, o significado e o papel do pai são insuficientemente reconhecidos [...].¹⁵

Ao contrário do sistema patrilinear, no matrilinear, como existe nos macuas, «todo individuo é membro do grupo parental consanguíneo de sua mãe e não do seu pai. O tio materno ou uterino, irmão da mãe, desempenha o principal papel.»¹⁶ Quanto a política da sociedade macua considera-se «tudo o que é, ao mesmo tempo, público, orientado para um fim e que implica uma diversificação de poder entre os indivíduos.»¹⁷ O tipo da governação política da sociedade macua não depende das normativas do Estado, uma vez que a própria estruturação não tem um líder formal e académico.

Quanto à distribuição do poder, o tio é responsável nas decisões da vida dos sobrinhos e das sobrinhas, e os pais podem contribuir de uma forma passiva. Este é o sistema que domina entre os macuas. Porém, «o conjunto de todos os tios (*Atata*) tem um decano, que é o chefe do escalão imediatamente superior, o chefe da linhagem, chamado *Nihimo*. Ele é a autoridade do conjunto das partes de uma determinada linhagem, que formam a primeira unidade social macua, chamado *Nloko*.»¹⁸ Naturalmente, o chefe máximo dos macuas que resolve todos os problemas que transcende as capacidades de todos os tios é chamado *Mwene*, e é responsável por todas as linhagens.

Os chefes para além de serem a autoridade máxima que resolve todos os problemas, mantem a unidade interna dos membros da sociedade, a fidelidade às tradições culturais e à identidade do povo, mas também servem como guardiões das leis e promotores do bem-comum do povo.

¹⁵ Cf. *Concilium- Revista internacional de Teologia-tema monográfico Familias*; nº 365; Verbo-Divino; Espanha; 2016; 246.

¹⁶ Cf. Laberthe, Philippe et Alii- *Etnologia e Antropologia*, 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2003, 108.

¹⁷ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 61.

¹⁸ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 61.

Quanto à vida comunitária, logicamente, os macuas consideram-se pertencentes a uma extensa família da linhagem matrilinear. Portanto, as transformações sociais e culturais dos macuas atuais estão ligadas aos costumes relativos à família, seja na evangelização, seja na inculturação. Antigamente, a estrutura social da parentela e da descendência e o matrimônio, eram considerados de interesse comum para a própria família. Agora, tudo está em profunda transformação. Seja como for, os esposos e os pais cristãos ajudam-se mutuamente a conservar a graça no decurso de toda a vida cristã.

1.2 A IDENTIDADE E PERTENÇA DOS MACUAS NA COMUNIDADE CRISTÃ.

Ao abordarmos este tema de identidade e pertença dos macuas na comunidade cristã hoje em Nampula, apercebemo-nos de que é um campo difícil. Se o Homem é naturalmente religioso, nós temos dúvidas acerca disto quando vemos como é ser cristão na terra dos macuas. O ser cristão atualmente em Nampula é uma realidade que nos deixa ter dúvidas. Pois fazer parte da Igreja como membro de uma comunidade cristã é muito diferente de ser cristão. O ser cristão é acreditar na morte e ressurreição de Cristo e seguir os princípios divinos. Portanto, para ser cristão em Nampula primeiro é preciso acreditar em Jesus Cristo e saber qual é a identidade que se tem no meio de muitas religiões e no meio de falsos profetas de teologias não qualificadas. Por isso, o ser cristão baseia-se em não ficar confundido com falsas doutrinas. Entender a sua vocação é fazer a diferença no meio das multiplicidades.

Ser membro de uma comunidade cristã é fazer parte de uma designação, onde o cristianismo pode ser desenvolvido na sua essência. Também é um compromisso de todo aquele que é um verdadeiro cristão. Tornar-se membro das nossas Igrejas locais ajuda-nos no nosso crescimento espiritual. Ser cristão hoje não é algo fácil, não é como ser cristão na Igreja primitiva no tempo dos apóstolos. Naquele período vemos que tudo era em comum e não havia capacidades comunicativas como há hoje. Todavia, a nossa sociedade de hoje vive numa cultura que distrai. Mesmo nos nossos cultos somos distraídos com os instrumentos da evolução tecnológica.

Notamos que hoje alguns cristãos em Nampula procuram um Jesus que não existe. Portanto, querem que nas suas preces as respostas de Deus sejam imediatas para resolver os seus problemas. Por isso, muitos católicos ficam sem uma base sólida para a sua permanência na Igreja. Realmente, reclamam por tudo e por nada e esquecem-se de que a Igreja primitiva

vivia de esmolas e de ajudas de comunidades cristãs circunvizinhas. Pela experiência que temos com o povo macua, não são os crentes que oferecem algo à Igreja, são eles que precisam de ofertas dos missionários. Esta prática começou desde que os primeiros missionários do tempo colonial chegaram àquelas terras. O missionário foi sempre visto como uma pessoa que, para além de evangelizar com a palavra de Deus, foi um agente caritativo. Esta maneira de pensar prevaleceu até aos nossos dias. Principalmente, o missionário da raça branca é a pessoa que pode resolver todos os problemas. Este modo de pensar não é simplesmente do povo macua mas também de alguns sacerdotes locais.

Contudo, se a memória não nos conduz ao erro, podemos dizer que na arquidiocese de Nampula há três tipos de cristãos. Primeiro, há o cristão que segue os preceitos divinos, o segundo é o cristão feiticeiro e o terceiro é o cristão que procura as bruxarias. Essa maneira de viver leva-nos a não termos uma identidade cristã na nossa vida quotidiana.

Chamo de cristão feiticeiro aquele que, desde o despontar do sol até ao entardecer, está com Cristo, e ao anoitecer está com espíritos diabólicos. Isto é, de dia são santinhos e de noite são feiticeiros, mágicos, e exercem outras atividades ilícitas no Evangelho. Temos, portanto, cristãos não cristãos.

Se o ser cristão em Nampula é difícil para os crentes, também é difícil para os agentes da pastoral. Por exemplo, nos encontros de formação há quem que não tenha o espírito de escuta daquilo que se comunica. Porém, não convém que percamos a esperança na oração.

Na oração, deve haver sempre este entrelaçamento de oração pública e de oração pessoal. Assim podemos falar a Deus, assim Deus fala a nós. Deste modo, realizam-se em nós as purificações, mediante as quais nos tornamos capazes de Deus e idóneos ao serviço dos outros. Assim tornamo-nos capazes da grande esperança e ministros da esperança para os outros. A esperança em sentido cristão é sempre a esperança para os outros.¹⁹

Mas também é positivo que quando há eventos como a peregrinação aos santuários de Meconta e Rapale muitos venham rezar, mesmo que não sejam cristãos fervorosos. É um sinal de esperança em relação aos cristãos que têm a tendência de abandonar a Igreja, um dia venham tomar os seus respetivos lugares, como dizia Bento XVI: «[...] Eu posso esperar, sempre continuar a esperar, ainda que pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver, aparentemente não tenha mais qualquer motivo para esperar.»²⁰ Portanto, a pertença na

¹⁹ Cf. Bento XVI, *Spe Salvi*, (*Salvos na esperança*), *Carta encíclica*; n° 34; 3ªed; Paulinas; Prior-Velho; 2008.

²⁰ Cf. Bento XVI, *Spe Salvi*, n° 35.

comunidade cristã não pode reservar-se simplesmente para os mais frágeis socialmente e economicamente, pois Cristo vinha à procura de todos. É na identidade e pertença que se joga a responsabilidade da vida comunitária.

Da reciprocidade entre identidade e pertença provém a possibilidade de verificar como a nova evangelização pode ser eficaz e fecunda. Sem uma forte identidade católica, através da qual cresce a consciência da própria responsabilidade no mundo, não se compreenderá sequer a exigência de pertencer à comunidade cristã; vice-versa, sem o profundo sentido de pertença à Igreja não se poderá ter uma identidade que seja consciente da missão a desempenhar.²¹

Identidade e pertença são fatores primordiais para o alcance e para a duração daquilo a que chamamos formação contínua da vida cristã. Portanto, estes dois elementos fazem com que os cristãos tenham um conhecimento da fé. Hoje em dia, o cristão macua tem tido raras vezes uma formação permanente. Para ele, o que aprendeu na catequese, no tempo da sua juventude, basta-lhe para a vida inteira. Isso faz com que as pessoas fiquem mais atrasadas no aprofundamento da própria fé. A formação permanente, para além de ser um fator determinante para o aprofundamento da fé, também serve como um meio de interação intercultural da comunidade cristã. O cristão, devido à falta de identidade e de pertença no seu ser e no seu estar, começa a criar uma ilha no seu mundo, ignorando os princípios universais.

1.3 A IGREJA CATÓLICA E OS MACUAS COMO FAMÍLIA.

Testemunhar o Evangelho com as palavras e as obras na família macua é a obrigação que a Igreja de Nampula recebeu e que agora deve transmitir à Igreja local. A Igreja almeja encontrar caminhos com a família para que possa manter os seus alicerces, visto que, desde o início, a Igreja se pautou por ser uma Igreja doméstica desde as primeiras comunidades cristãs.

A Igreja em Nampula, terra que se tornou nova pátria de Cristo, é já responsável pela missão, como dizia João Paulo II: “Africanos, vós sois já missionários de vós mesmos”²². Porém, recorda que o cerne da evangelização da família está no anúncio, pela palavra e pela vida, da Boa Nova de Jesus Cristo, nosso salvador.

²¹ Cf. Rino Fisichella, *A Nova Evangelização, Um desafio para sair da indiferença*, ed. Paulus, Lisboa, 2012, 104.

²² Cf. João Paulo II – *Ecclesia in Africa* (14 de Setembro de 1995), *A Igreja em África, Exortação Apostólica sobre a Igreja em África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000*, Lisboa, Rei dos Livros, 2000, nº56.

É necessário, portanto, que essa evangelização tenha o seu epicentro no encontro com a pessoa de Cristo. O primeiro anúncio centra-se na experiência encantadora de Jesus Cristo que é o âmago da nossa fé. Todavia, a evangelização abrange o Homem e a sociedade macua em todas as dimensões da sua existência. Portanto, pauta-se tacitamente pela justiça, inculturação, e pelo diálogo com as famílias. Doravante, para que essa missão tenha frutos abundantes, é preciso que o Espírito Santo se manifeste nos corações das famílias. Pois, «A família é o santuário da vida e célula vital da sociedade e da Igreja. É nela que se plasma o rosto de um povo, é nela que os seus membros adquirem os ensinamentos fundamentais.»²³

A família é a nossa primeira escola onde aprendemos tudo desde os tempos de tenra idade. Se, na educação da família falha algo, corremos o risco de sofrermos as consequências disso de uma forma consciente ou inconsciente no que respeita a nossa má educação. A Igreja de Nampula exorta que é na família que conhecemos o valor do Evangelho. A família é, sem dúvida, o lugar propício para a aprendizagem e a prática da cultura do perdão, da paz e da reconciliação.

[...] Numa vida familiar são experimentam-se algumas componentes fundamentais da paz: a justiça e o amor entre irmãos e irmãs, a função da autoridade manifestada pelos pais, [...] a disponibilidade para acolher o outro e, se necessário, perdoá-lo. Por isso a família é a primeira e insubstituível educadora para a paz. [...]²⁴

A Igreja e os macuas tornaram-se uma família porque a Igreja é o lugar onde Cristo convoca e reúne os filhos de Deus como afirma S. João: «E não só pela nação, mas também para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos» (Jo 11, 52); portanto, aqui percebemos que a Igreja de Deus é como o Corpo de Cristo, constituída por membros da mesma família cristã, vivendo na comunhão de fé, de amor e de vida; membros da mesma família cristã unidos pelo vínculo da paz em Cristo. Por isso, nenhum membro deve ser excluído da comunidade cristã. Eles crescem no meio dos outros com amor recíproco.

É na Igreja que os macuas conhecem a graça de Deus. «Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste [...]» (Jo 17, 6) A família macua é orientada por Deus a cultivar valores de boa convivência e de dignidade da pessoa humana. E, finalmente, é um lugar de união e vocação. «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc15,16); que consiste numa relação totalmente nova e de amizade.

²³ Cf. Bento XVI, *Africae Munus*, nº 42.

²⁴ Cf. Bento XVI, *Africae Munus*, nº 43.

Todavia, a família para os macuas é dom de Deus, é uma comunidade humana de amor e de solidariedade; lugar de transmissão da vida e dos valores religiosos, culturais, sociais em vista ao crescimento dos seus membros. Portanto, a Igreja é família dos macuas e vice-versa, a partir das igrejas domésticas. Para além destes pontos destacamos que a Igreja e o povo macua se transformaram como família na medida em que a Igreja, pela sua iniciativa e pela inculturação no seio dos macuas, em alguns momentos promove a formação humana dos “ritos de iniciação” das raparigas e dos rapazes que desde há muito tempo estavam reservados aos agregados familiares.

«Os ritos de iniciação são, em primeiro lugar, ritos de separação, com os quais o indivíduo abandona o seu anterior estado social, a infância em segundo lugar, são ritos liminares, pelos quais o indivíduo vive uma particular transformação da sua personalidade em clima de separação física e social; e, em terceiro lugar, são ritos de incorporação na situação normal da sociedade, pelas quais o iniciado, ao deixar atrás de si o período marginal e ambíguo, se agrega à vida social, na nova condição de adulto, membro da comunidade para todos os efeitos. [...]»²⁵

Para além dos ritos, também assume um papel muito importante na resolução dos problemas nas famílias cristãs, a educação profissional dos jovens, a solidariedade e a formação humana que são fatores dominantes na arquidiocese. Estes elementos fazem com que o povo macua e a Igreja Católica vivam cada vez mais como uma família. É na Igreja que os macuas encontram outra dimensão da família alargada. Para os macuas, a Igreja, para além de ser uma instância de fé, é também uma instância à qual novos agregados familiares se juntam.

A Igreja de Nampula nunca deixou de tecer algumas considerações a respeito da inculturação e da evangelização no ensino da catequese, como dizia o Papa João Paulo II expressando que «o ensino catequético se encarne nas diferentes culturas.»²⁶ Pois os africanos têm várias culturas que precisam de atenção da própria evangelização.

A inculturação da família macua centra-se em dois âmbitos: «a íntima transformação dos valores culturais autênticos pela sua integração no Cristianismo e enraizamento do Cristianismo [...]»²⁷ A inculturação é uma prioridade e uma urgência na vida das Igrejas

²⁵ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 94.

²⁶ Cf. João Paulo II, *Ecclesia in Africa*, n° 56.

²⁷ Cf. João Paulo II, *Ecclesia in Africa*, n° 56.

particulares de África e é uma exigência da Evangelização. A família macua considera que a inculturação é um dos assuntos candentes para eles e para as Igrejas.

A Igreja Católica apercebeu-se de que nas famílias macuas há uma urgência de como lidar com as religiões tradicionais. «Os membros [...] constataram a existência de uma dicotomia, entre certas práticas tradicionais das culturas africanas e as exigências específicas da mensagem de Cristo»²⁸. Entretanto, para realizar esta comunhão, seria de bom agrado reconhecer as tradições e as culturas africanas. Porém, é de não esquecer a função incontornável do Espírito Santo que se torna como o elo de ligação entre a cultura e o Evangelho. A Igreja tem a função premente de distinguir que elementos culturais e tradições contradizem o Evangelho. Assim, o Cristianismo, embora permanecendo plenamente o que é, na fidelidade do anúncio evangélico e da tradição eclesial, revestir-se-á de vários valores das culturas e dos povos. Neste sentido,

A Igreja considera com muito respeito os valores morais e religiosos da tradição africana, não só pelo seu significado, mas também porque vê neles a base providencial sobre os quais pode transmitir a mensagem evangélica e contribuir para a construção da nova sociedade em Cristo [...]. Eis porque o africano, quando se torna cristão, não se renega a si mesmo, mas retoma os antigos valores da tradição²⁹.

O Papa João Paulo II afirma na sua Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* que «o futuro da Igreja e do mundo passa através da família.»³⁰ Nampula, sendo uma arquidiocese muito populosa e com situações internas muito diversas entre si, apesar de serem todos macuas, reflete uma grande diversidade de hábitos e costumes, pelo que é preciso evitar generalizar, tanto na avaliação dos problemas como no anúncio do Evangelho.

Sendo a família a unidade básica para a procriação das gerações vindouras, a Igreja de Nampula também reconhece que o futuro da mesma passa através da família. Com efeito, a família é a primeira célula, não apenas da comunidade eclesial viva, mas também da sociedade em geral. Como dizia o Papa João Paulo II: «O desígnio de Deus sobre o matrimónio e sobre a família visa o homem e a mulher na realidade concreta da sua existência quotidiana, na sua determinada situação social e cultural. A Igreja, para cumprir a

²⁸ Cf. Bento XVI, *Africae Munus*, nº 36.

²⁹ Cf. *Doutrina missionária da Igreja (Textos do Magistério Pontifício)* CRICE-estúdios gráficos, Lisboa 1983, nº 21.

³⁰ Cf. João Paulo II, *Familiaris Consortio (Janeiro de 1989) Exortação sobre a Família Cristã*, nº 75; 5ªed. Braga; 1989.

sua missão, tem de esforçar-se por conhecer as situações em que o matrimónio e a família se encontram hoje.»³¹

Em geral, constata-se que os macuas têm um profundo sentido religioso, o sentido do sagrado, o sentido da existência de Deus criador e de um mundo muito espiritual nas famílias. Na cultura e na tradição dos macuas, o papel da família é considerado como fundamental. Aberto a este sentido da família, do amor e respeito pela vida, os macuas amam os filhos, que são recebidos alegremente como dom de Deus. Eles têm um sentido muito vivo da solidariedade e da vida comunitária. De fato, a vida comunitária dos macuas é partilhada pela família alargada.

Os filhos e as filhas dos macuas amam a vida e é precisamente o amor pela vida que os leva a atribuir tão grande importância à veneração dos antepassados. O falar de um antepassado para um macua significa falar de um intercessor entre o povo e Deus.

No seio de uma família macua, os pais não são somente transmissores do Evangelho aos seus filhos, mas também seus destinatários. E assim, a família torna-se evangelizadora de várias famílias que ainda não conhecem Jesus Cristo. Por isso, a Igreja de Nampula encoraja vivamente as famílias, com a inspiração e força do sacramento do batismo e da Eucaristia, a viver a novidade trazida por Jesus Cristo, para que cada um possa sentir-se capaz de transmitir a evangelização ao irmão mais próximo. Além disso, «A missão educativa da família cristã é um verdadeiro ministério, através do qual é transmitido e irradiado o Evangelho, a tal ponto que toda a vida familiar se torna itinerário de fé e, em certa medida, iniciação cristã e escola de vida para seguir a Cristo. [...] todos os membros evangelizam e são evangelizados»³². Todavia, os pais são os primeiros a transmitir a vivência cristã aos seus filhos.

³¹ Cf. João Paulo II-*Familiaris Consortio*, n° 4.

³² Cf. Bento XVI- *Africae Munu*, n° 46.

Capítulo 2

A IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA PÓS-INDEPENDÊNCIA.

2. A IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA POR OCASIÃO DA INDEPENDÊNCIA.

S. Paulo, o Apóstolo dos Gentios, recorda-nos que Deus «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois, há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Jesus Cristo que se deu em resgate por todos» (1Tim 2,4-6). Foi assim que os homens que tinham recebido primeiramente o Evangelho, o levaram até ao povo macua no norte de Moçambique, para que, eles também, usufruíssem desse privilégio da salvação. O Papa João Paulo II, na sua exortação apostólica sobre a Igreja em África diz-nos:

O amor redentor de Deus abraça a humanidade inteira: toda raça, tribo e nação; por conseguinte, abraça também as populações do continente africano. A providência divina quis que África estivesse presente, durante a paixão de Cristo, na pessoa de Simão de Cirene, obrigado pelos soldados romanos a ajudar o Senhor a levar a Cruz.³³

Foi neste âmbito que o Evangelho chegou até África, concretamente, a Moçambique pelos portugueses. Com os acordos do governo português com a Santa Sé, «Por um lado, ação missionária da Igreja Católica, ao abrigo do Acordo Missionário de 1940, com “*a bula Solemnibus Conventionibus*,” de 4 de Setembro, celebrado entre a Santa Sé e o Governo Português, estava profundamente condicionada. A obrigação concordatária ensombrou, indelevelmente, a ação evangelizadora. Portugalizar evangelizando ou evangelizar Portugalizando, fazendo dos missionários instrumentos da colonização.»³⁴

Assim, funcionou nas zonas de expansão colonial. Antes da prelatura a Igreja sempre caminhou com o Estado, e as nomeações eclesiais eram feitas pelo Governo. Com o Acordo Missionário criaram-se as primeiras dioceses em Moçambique, concretamente as dioceses de Loureço Marquês (Maputo), Beira e Nampula. Com o passar dos tempos as mesmas foram elevadas à categoria de arquidioceses, com várias dioceses sufragâneas, até aos nossos dias.

³³ Cf. João Paulo II- *Ecclesia in Africa*, nº 27.

³⁴ Cf. José Luzia, *Manuel Vieira Pinto – O Visionário de Nampula*, 2ªed, Paulinas, Lisboa- Prior-Velho, 2016, 24.

É óbvio que ao pretendermos estudar o perfil do povo macua com a sua experiência eclesial, no qual a sua tangência se encontra enraizada no seu território, podemos notar várias mudanças. Todavia, com a chegada do novo bispo de Nampula D. Manuel Vieira Pinto em 1967, notou-se que a Igreja de Nampula precisava de uma restauração pastoral, valorizando a reeducação mental e a dignidade do homem negro oprimido. A Igreja católica, como tal, não apresentava uma pastoral para o futuro. Faltava uma consolidação no respeitante às famílias enquanto primeiras escolas em todas as sociedades. Reconhecia-se³ a necessidade de uma pastoral dirigida ao mundo dos cristãos maduros na fé; uma outra, promocional do desenvolvimento humano e integral; e, por fim, uma pastoral de restauração mental direcionada a uma segunda geração cristã.

A Conferência Episcopal de Moçambique, levando a descobrir e a denunciar as ambiguidades inerentes à aliança com o governo, à mentalidade colonial dos missionários e de cristãos, particularmente daqueles que, pertencentes à sociedade dominante, eram senhores dos bens económicos, sociais e culturais, oprimindo, por identificação com o sistema, os direitos fundamentais do homem negro. Levando-a, além disso, a promover uma Igreja que aparecesse claramente ao lado do povo e dos seus direitos políticos, sociais, económicos e culturais. Deste esforço nasceram as semanas de Pastoral, o Centro de Investigação Pastoral, os Cursos de Reciclagem.³⁵

Não obstante, o ditado disse-nos que «quem vai dialogar à mesa deve ir com uma mente vazia»; e da mesma forma, quem vai evangelizar deve ir com mãos vazias, o cérebro vazio, não leva ideologias, só leva um coração grande, juntamente com o Evangelho. Até 1970, o bispo de Nampula D. Manuel já formulara diretrizes bem definidas a respeito de uma Igreja livre. Este tempo foi uma hora em que a própria Igreja em Nampula começou a alicerçar os próprios pensamentos para recomeçar uma nova vida social e pastoral. A formação da mentalidade era algo incontornável, pois o povo macua vinha duma mentalidade da colonização.

Os acontecimentos anteriores, em Nampula, com os missionários que queriam o bem-estar do povo moçambicano nas vésperas da Independência, foram inesquecíveis para a Igreja em Nampula. Em Março de 1974, D. Manuel Vieira Pinto aprovou um documento assinado pelos sacerdotes da sua diocese, sob o título *Imperativo de Consciência*. Tal intervenção não agradou ao Governo português. O documento da discórdia defendia uma resposta corajosa

³⁵ Cf. D. Manuel Vieira Pinto, Arcebispo de Nampula, *Cristianismo: Política e Mística*, (antologia, introdução e notas de Anselmo Borges), porto, ed ASA, 1992, 198.

aos problemas graves do povo moçambicano e destinava-se inicialmente a ser apresentado exclusivamente na Conferência Episcopal de Moçambique, mas acabaria por chegar ao domínio público. Devido aos temas abordados relacionados com a orientação política ultramarina e as condições sociais de Moçambique, gerou-se uma inimizade para com os padres Combonianos mentores do documento, sendo exigida a sua expulsão do país.

No dia 5 de Março de 1974, três padres Combonianos, residentes no Centro Catequético do Anchilo, receberam ordem de expulsão. Deviam deixar Moçambique até ao dia 20 do mesmo mês. Um dia depois, mais três receberam a mesma ordem e deviam, também, seguir juntamente com os outros no mesmo dia. As causas das controvérsias sempre foram as mesmas: lutar contra a dignidade humana.

Nós missionários Combonianos interrogamo-nos profundamente acerca da nossa autoridade do nosso testemunho missionário e do significado da nossa presença no meio do povo moçambicano. Não querendo partilhar a cumplicidade desta Igreja, pedimos aos seus Bispos que defendam um povo impedido de crescer, de ter estruturas jurídicas próprias, compatíveis com o seu génio. Pedimos a esta Igreja que se envolva na luta dos pobres e se torne, em nome do Deus da história, defensora dos direitos dos homens e, destes, um que não é nem o mais pequeno nem o menos fundamental, que é o direito à autodeterminação e à independência política.³⁶

D. Manuel, na qualidade de Bispo de Nampula, procurou responder às consequências da expulsão dos seus membros que trabalhavam no centro catequético do Anchilo. Em resposta ao sucedido no dia 10 do mês de Maio, em todas paróquias da arquidiocese de Nampula foi lido um comunicado *o repensar a guerra e o Imperativo da consciência* e distribuído em todas as comunidades. Portanto, foi um documento de capital importância, tanto no domínio político, social e eclesial, elaborado pela iniciativa de todos os missionários que trabalhavam em Nampula. Em linhas mais sintetizadas, o documento ilustrava a sociedade macua e a sociedade moçambicana no geral, dizendo:

1º- O crescimento integral do Homem e dos povos é um direito e um dever e corresponde à vontade de Deus. Em conformidade com o Evangelho, não há raças escolhidas e raças condenadas, não pode haver povos oprimidos e povos opressores.

³⁶ Cf. José Luzia, *Igreja em Palhota, O renascer da Igreja Católica em Moçambique, Os ministérios de animadores Leigos Sementes de Futuro*, Paulinas, Prior-Velho, 2016, 32.

2º-Ação missionária de fazer nascer e crescer a comunidade dos fiéis com as seguintes características: consciência da vocação recebida, capazes de exercer a função sacerdotal, profética e real, enraizadas no povo e na cultura local.

3º- Passagem das missões à Igreja local, entendida como uma comunidade enraizada no ambiente que lhe é próprio e que se inspira numa tríplice autonomia de quadros, expressão e de economia.

Quando este documento chegou às mãos do Governo português, o Bispo de Nampula e um grupo de onze padres Combonianos foram obrigados a abandonar o território moçambicano. O *repensar a guerra e o Imperativo da consciência* foi notícia em todo o mundo. Foi por causa disso que a Santa Sé enviou o Núncio Apostólico a Moçambique.

Entretanto a Santa Sé enviava a Moçambique o Núncio Apostólico em Lisboa, D. José Maria Sinsi, acompanhado pelo auditor da Nunciatura, Mons. Justo Mullor, para se inteirar pessoalmente da verdadeira situação da Igreja em Moçambique, numa tentativa de serenar os ânimos mais exaltados, tranquilizar as consciências e informar a Santa Sé.³⁷

De imediato tinha que viajar a Nampula face a este constrangimento. No dia 22 de Março houve uma reunião da Conferência Episcopal, onde se falou de assuntos pendentes das relações entre a Igreja e o Estado Português, dos missionários que se encontravam detidos, dos direitos humanos, da posição tomada pelo Bispo de Nampula e de outras atrocidades que a Igreja denunciava. Desta conferência dos Bispos foi emitida uma carta pastoral que se centralizava no seguinte ponto:

Os Bispos de Moçambique manifestam publicamente o seu desgosto e protestam contra certas reações que estão acontecendo relativamente a alguns missionários e mormente ao Sr. D. Manuel Vieira Pinto, Bispo de Nampula. [...] Queremos ainda afirmar que todas as formas de desunião manifestas entre raças, classes sociais, comunidades civis ou eclesiais, além de ser um contra-testemunho humano e cristão, anulam as melhores intenções e enfraquecem a capacidade de realização.³⁸

Aliás, antes da chegada do Núncio a Moçambique, a Igreja de Nampula já era o cerne e o espelho da libertação, pois sempre lutou para que em Moçambique houvesse uma Independência definitiva, por isso essa conferência não trouxe nada de novo, para além de fortificar as ideias que já se encontravam implantadas.

³⁷ Cf. D. Ernesto Gonçalves Costa, *A obra missionária em Moçambique e o poder político*, ed. Franciscana, Montariol-Braga, 1996, 98.

³⁸ Cf. Costa, *A obra missionária em Moçambique e o poder político*, 99.

No dia 9 de Abril, após o regresso do Núncio Apostólico Mons. José Maria Sensi, houve manifestações em Nampula contra o Bispo e os missionários, que culminaram na sua saída. Porém, a Igreja de Nampula sempre reconheceu que nós como homens somos criaturas de Deus. Por isso, o Bispo dessa Igreja sempre se referiu às discriminações pelas quais o povo passava, dizendo: «Os homens não são nossos, mas sim de Deus; os cristãos não são nossos, são de Cristo, os Santos não são nossos, são do Espírito. As missões não são nossas, mas da Igreja diocesana, onde está e opera a Igreja Universal.»³⁹

Os outros achavam que o homem moçambicano era sempre “criança”, incapaz de assumir certas responsabilidades, tanto na pastoral como na vida cívica. O homem negro foi sempre menosprezado, seja na vida social como no seio religioso. Os negros só podiam conviver entre eles ou seja, só podiam partilhar a vida em todas as dimensões entre os negros.

Foi assim que, em 1968, o líder da Igreja de Nampula viu a necessidade de usar a sua voz na qualidade de bom pastor que vela pelas suas ovelhas. Nos seus discursos nunca deixou detrás os assuntos que ele achou pertinentes. No tempo colonial alguns macuas eram obrigados, logo que visse a chegada do bispo, a estar de pé. Os antecessores da arquidiocese de Nampula foram bispos ao serviço do Evangelho, mas impelidos pela Concordata missionária que facilitava os serviços da colonização. Logicamente, a maneira de agir e fazer respiravam uma colonização em relação ao anúncio do reinado de Cristo. Mas com D. Manuel tudo se alterou, ele tinha outra perspectiva de respeitar a dignidade humana.

[...] Ressaltava a dignidade e o respeito por toda a pessoa humana, sem qualquer discriminação em linguagem bem compreensível e apetecível, de todas aquelas multidões que, habituadas a ficarem de joelho à passagem do Bispo, agora ele se lhes dirigia num irreprimível impulso de fraternidade [...] de joelho só diante de Deus. Os seus predecessores diziam: ” a glória de Deus é o Homem vivo, de pé!⁴⁰

A Igreja de Nampula tornou-se o epicentro das críticas da libertação para o início da Independência moçambicana. Logicamente, com esta maneira de pensar, houve consequências na diocese. É de referir que essa Igreja sofreu rejeições, abusos e intransigências. Atenta, porém, ao Espírito de Deus, aceitou generosamente e ativamente o desafio, procurando descobrir, mais uma vez, aquele modo de estar e de agir que melhor pudesse anunciar e servir o Evangelho em tempo pleno. Descobrir um novo modo de pensar e

³⁹ Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 29.

⁴⁰ Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 28.

de agir na sua presença no mundo novo, no tempo novo e nos espaços novos que então surgiam.

A Igreja tem certamente presente como algo importante e urgente que se construam estruturas mais humanas, mais justas, mais respeitadoras dos direitos da Pessoa, menos opressivas e menos escravizadoras; mas continua a estar consciente de que até as melhores estruturas, ou os sistemas melhor idealizados depressa se tornam desumanos, se as tendências inumanas do coração do homem não se acharem purificadas [...].⁴¹

A libertação do povo leva necessariamente a uma conversão dos homens que oprimem os outros. Para tal, o homem macua precisava de se reconstruir para melhor ajudar a sua sociedade em várias facetas da vida. Nas vésperas da Independência os macuas e outros povos, obviamente estavam ansiosos por ver o fim da opressão. Mas ao mesmo tempo havia quem perguntasse: como vamos viver depois da Independência? É natural que isso criasse mais identidade moçambicana no seio da sociedade macua. Pois, uns e outros, apesar do sofrimento, preferiam permanecer com os colonos brancos. É óbvio que quando o presente não consola, os desejos são do passado. Hoje entre os macuas há quem sempre fale desse tempo e das suas vantagens.

2.1 A IGREJA DE NAMPULA PÓS-INDEPENDÊNCIA.

Desde os primeiros momentos da pós-Independência, a diocese de Nampula almejou preparar o povo santo de Deus na sua diversidade cultural e linguística. Porém, os macuas, apesar de serem o único povo que ocupa a vastíssima área do territorial moçambicano, têm diversidade na maneira de se expressar, motivo pelo qual foram criados diversos constrangimentos na sua formação integral. Uma das características dessas formações integrais em Nampula, após a Independência, é a seguinte:

A passagem de uma Igreja ainda bastante clerical para uma Igreja mais Povo de Deus, mais adulta, na sua voz e nos seus gestos, uma Igreja em que cada membro-presbítero, religioso ou leigo, tenha consciência da sua dignidade, da sua vocação e da sua corresponsabilidade; uma Igreja em que todos sintam que são de pleno direito Povo de Deus e tenham, efetivamente, voz para concordar, para aconselhar, para anunciar o Evangelho, para construir a comunidade cristã, e testemunhar a fé e o amor; uma Igreja onde todos possam e saibam ouvir,

⁴¹ Cf. João Paulo VI – *Evangelii Nuntiandi*, (8 de Dezembro de 1975), *Evangelho aos homens de hoje*; nº 36, 7ªed, Braga, 1990, 29.

ultrapassando de vez aquelas cristandades onde falar compete apenas aos padres e ouvir aos seus cristãos.⁴²

Por isso, a experiência obtida na pastoral com os padres, os irmãos, as irmãs e os leigos, que trabalhavam em Nampula, mostrou que desde o princípio a Igreja precisava de se repor urgentemente numa linha de Concílio, tornando-se deste modo um sinal mais claro de salvação e de libertação do povo macua. No âmbito da vida interna da arquidiocese, o bispo de Nampula esforçou-se desde os primórdios dos tempos por obter uma Igreja diocesana mais comunicativa e mais unida. Porém, ele reconhecia que só no caminhar juntos é que se poderiam vencer certos obstáculos. Neste contexto, colocaram-se dois pilares fundamentais:

Por um lado, encorajar os seus diocesanos, também eles, a aceitarem as consequências do ateísmo militante carregado de proibições e, por vezes, até sevícias e maus tratos. Por outro lado, apesar das discriminações dos crentes, nos ambientes sociopolíticos, com repercussões profissionais, nunca desfalecer na ingente obra da reconstrução nacional.⁴³

No entanto, neste período da reconstrução nacional, a ética e a moral foram elementos incontornáveis para a pacificação do povo macua. Como afirmamos nos parágrafos anteriores, em Nampula houve muitos constrangimentos em que se sentiu a necessidade de se resolver a primeira questão, que foi a questão da crise da consciência. Era preciso consciencializar o povo macua e fazê-lo perceber certos vetores para alavancar a classe social. Evidentemente, em todas as sociedades, o que pode criar conflitos é uma questão mental; a maneira de pensar e de agir para certas questões que se enfrentam; quando as pessoas não acreditam nas realidades com toda a naturalidade e não acreditam nos outros. Onde sempre há desconfiança, há sempre sementes do conflito. Sendo assim, a Igreja de Nampula começou a trabalhar em primeira mão na formação das consciências, para que o povo macua acreditasse em si mesmo para o seu desenvolvimento integral. Por isso, na obra do padre José Luzia afirma-se:

O mais importante, embora mais difícil e mais lento, era o caminho da consciencialização do povo, para que ele acredite em si e nas suas próprias capacidades e valores; acredite que desta terra e das suas mãos pode vir muita riqueza; acreditar que é possível não estar dependente dos estrangeiros nem dos cooperantes, e serem eles a dar os passos para a sua autonomia.⁴⁴

⁴² Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 35.

⁴³ Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 19.

⁴⁴ Cf. José Luzia, *Uma Igreja de todos e de alguém*, 3ªed. Paulinas, Lisboa-prior-velho, 2014,158.

Os macuas são compostos por duas confissões religiosas mais fortes, o Cristianismo e o Islamismo; inerente a esse processo como se conciliavam com esta formação mental? Há quem diga que os que tinham privilégios foram os cristãos que tinham um pouco de uma estrutura dos assimilados e dos que estudavam nas escolas das missões. Mas a verdade não passa por aqui. Houve, desde o começo, os grupos de dinamização e sensibilização para todo o povo macua, cristãos, muçulmanos e outras religiões para envolver o país com toda a moçambicanidade. Aliás, logicamente os cooperantes nos quais o povo confiava tinham um determinado tempo para a execução das suas atividades. A Igreja sempre reconheceu e exortou o direito originário que os pais têm de educar os seus filhos na fé.

2.2 A IGREJA CONFRONTADA PELA POLÍTICA.

Em Moçambique, desde 25 de Junho de 1975, houve uma mudança, tragicamente nas instituições eclesiais, estatais e privadas. O partido libertador do colonialismo não se ligava com a Igreja. Os dirigentes da Frelimo pensavam que a Igreja atrapalhava a sua governação e ao mesmo tempo pensavam que a Igreja era a seqüela do colonialismo, até chegaram a designá-la como “um inimigo”. «A Igreja Católica também não se eximiu à perseguição. Em documento circulado pelo partido, foi acusado de atuação contra-revolucionário que procura obstaculizar a marcha da democracia popular. Referiu-se a necessidade de separar do Vaticano a Igreja de Moçambique e até mesmo de alterar a liturgia e as orações.»⁴⁵ Foi por essa razão que tudo aquilo que pertencia à Igreja foi nacionalizado pelo governo da Frelimo. «[...] Foram nacionalizadas todas as obras sociais, educativas, de saúde e subsidiárias das missões, e foram fechadas ao culto as Igrejas construídas nas sedes das missões, assim como as capelas das aldeias, que eram usadas, além disso, como escolas.»⁴⁶ Algumas missões passaram a ser chamadas “Centros Educacionais,” outras foram transformadas em armazéns e o seminário diocesano Mater apostolorum de Nampula passou a ser “Escola do Partido.” Houve perseguições, acusações e opressões.

O período mais duro foi entre 1977 e 1980, quando o Estado confrontou diretamente a Igreja Católica, fechando os lugares de culto e condenando os bispos e exigindo a detenção domiciliária de alguns catequistas-professores. A certa altura, quando os animadores iam visitar uma comunidade, as estruturas daquela zona prendia-os. Este foi um dos momentos

⁴⁵ Cf. Jorge Jardim, *Moçambique terra queimada*, ed. Intervenção, Lisboa, 1976, 388.

⁴⁶ Cf. Martinez, *O povo macua e a sua cultura*, 36.

mais terríveis da Igreja naquela arquidiocese. Muitos cristãos, com a política implantada pelo governo da Frelimo, chegaram a não exercer as suas funções devido ao medo. Com o processo das nacionalizações, o governo autorizou novos edifícios de culto:

[...] A construção de novos locais de culto quando necessários, desde que satisfeitas as regras administrativas próprias da construção civil. Em todo o caso, são de considerar as dificuldades graves que a construção civil atravessa, as prioridades no abastecimento em cimento e ferro para edificação de centros de saúde, educação e produção. Por isso convinha que a Igreja se abstivesse, nos tempos mais próximos, de novas instalações, tanto mais que herdou do colonialismo uma excelente rede de locais de culto, que porventura estará até com dificuldades de administrar e utilizar.⁴⁷

Embora tenha sido difícil, há quem considere que este período também foi benéfico, porque forçou a Igreja a redescobrir o seu papel e a reorganizar-se. Apesar de tudo, o processo das nacionalizações ajudou a Igreja a tirar o peso das suas instituições sociais (educação e saúde) e permitiu que se centralizasse na formação dos seus leigos. Portanto, apesar de todas as infraestruturas da arquidiocese serem nacionalizadas, nada reduziu a implementação da Igreja local. É lógico que certos animadores da Igreja de Nampula correram riscos de vida por não concordarem com a realidade à luz do dia. Com essas ameaças alguns animadores abandonaram as suas atividades para salvar as suas vidas.

Todavia, surgiu uma política do Governo anticristã de uma forma vingativa. «Também sem qualquer discriminação, Samora Machel desencadeou uma ofensiva contra todas as confissões religiosas. Nenhuma parece ter escapado.»⁴⁸ Implementou-se “Guias de marcha,”⁴⁹ as aldeias comunais, as lojas do povo, campos coletivos, a lei da pena de morte, as chicotadas em público, os campos de reeducação para onde milhões de moçambicanos foram forçosamente levados, separados dos seus familiares, obrigados a trabalharem incansavelmente, entregues à pobre sorte, muitos morreram devorados por leões ou outros animais nas matas de Niassa. Era outra luta internamente e mentalmente por sanar. Neste período, em algumas zonas da arquidiocese de Nampula, existiam poucos cristãos e andavam dispersos com medo de falar do Evangelho. A agravar esta situação muitos missionários

⁴⁷ Cf. Sousa e Correia, *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, 196.

⁴⁸ Cf. Jardim, *Moçambique terra queimada*, 387.

⁴⁹ “*Guia de marcha*”- Era um documento que servia para a deslocação de um lado para outro dentro da província. Quem não tivesse e ser interpelado pelas autoridades recebia sanções. Na guia constava não só o nome da pessoa, como ainda o motivo da deslocação. E, quando chegava ao destino, tinha de apresentar ao chefe daquele lugar a guia de marcha, esse chefe, por sua vez, tinha de se inteirar do que de fato a pessoa ia fazer, se era o que estava escrito na guia ou se ia para outro fim.

saíram do país. Foi neste período que houve uma necessidade das missões serem administradas pelos leigos. As próprias Missões começaram a designar-se por paróquias. Os cristãos de Nampula começaram a eleger os seus respetivos responsáveis para conduzir o processo da evangelização, apesar de ser difícil da parte dos cristãos lidar com o novo partido. Aliás, a própria Frelimo chegou a afirmar que o inimigo comum era a Igreja. Isso aconteceu porque os dirigentes da Frelimo eram comunistas e a Igreja nunca se filiou com esta corrente. Porém, a Igreja sempre se primou pela aproximação e pelo diálogo.

A Igreja situa-se na sociedade como qualquer outra associação e pede somente e exclusivamente o que é indispensável para o cumprimento da missão. Por isso, a Igreja nunca quis entrar em confrontação, mas em diálogo e aproveitar o projeto de libertação que se lhe abriu após a Independência para ajudar o homem a libertar-se de tudo aquilo que lhe ofende a sua dignidade, colaborando na construção do homem novo moçambicano no campo individual, familiar, social, económico e político.⁵⁰

Na arquidiocese de Nampula, apesar do retorno da figura marcante de D. Manuel Vieira Pinto, e noutras dioceses de Moçambique, viveu-se um clima tremendo com a política moçambicana. O Governo do dia não queria a permanência da religião ou seja, o ateísmo estava no cerne dos políticos e muitos dos missionários abandonaram as missões. «Os missionários estrangeiros, que tantas vezes tinham tomado a defesa da Frelimo, foram acusados como agentes do imperialismo e de entravar a marcha da revolução.»⁵¹ A Igreja ofuscada com as realidades da política sentiu-se obrigada a tomar novas formas no âmbito pastoral. Foi assim que se fundou o centro catequético do Anchilo para responder às várias necessidades, começando com a formação dos leigos que eram catequistas-professores. «Os professores-catequistas eram tidos mais como ajudantes dos missionários em geral, do que como corresponsáveis cooperadores pastorais. [...] Porém, têm de, pacientemente, se confrontar com a vida interna da arquidiocese»⁵². Os leigos assumiam novas e várias responsabilidades, tomar as Igrejas nas suas próprias mãos. Aqui podemos dizer que o Espírito Santo funcionou com grande ardor, visto que nem os políticos compreenderam como a Igreja permaneceu com os seus alicerces de evangelização.

⁵⁰ Cf. José Augusto Alves de Sousa, S.J, e Francisco Augusto da Cruz Correia, S.J, *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, Paulinas- Maputo, 1998, 193.

⁵¹ Cf. Jardim, *Moçambique terra queimada*, 387.

⁵² Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 25.

2.3 UMA IGREJA LIVRE PELA POLÍTICA MOÇAMBICANA.

Quando não há liberdade em todos os âmbitos, existem comunidades de resistência e de práticas vivas de revolução. Essas comunidades enfrentam problemas de destruição mental, cultural, social e espiritual. Como é do nosso conhecimento, depois da Independência a Igreja em Moçambique estava ofuscada pelas ideologias da Frelimo e do seu Governo. Em conversação de ambas as partes, chegaram a um acordo definitivo que só coube aos moçambicanos.

A liberdade da Igreja moçambicana pode ser vista como uma alavanca de resolução de vários problemas para outro horizonte do futuro. Aliás, Paulo VI na sua exortação *Evangelii Nuntiandi*, sempre se pautou pela liberdade dos homens e da própria religião afirmando:

Desde a justa libertação, ligada à evangelização e que visa alcançar o estabelecimento da estrutura que salvaguardem as liberdades humanas, não pode ser separada a necessidade de garantir todos os direitos do homem, entre os quais a liberdade religiosa ocupa um lugar de primária importância [...] há muitos cristãos, ainda hoje, que vivem sufocados por uma opressão sistemática, pelo fato de serem cristãos, por serem católicos! O drama à fidelidade a Cristo e de liberdade de religião; [...] é um drama que continua.⁵³

Em 1978, em todo o país foi o ano de maior opressão por parte da Frelimo e do Governo. Foi o ano de limitações impostas à liberdade religiosa, o ano de prisões e expulsões de missionários e missionárias. Muitos moçambicanos foram enviados para campos de reeducação. Também foi o ano das desconfianças de todos aqueles que se afirmavam crentes. Foi muito difícil para toda a Igreja de Moçambique. Foi também nesse ano que os Bispos foram proibidos de celebrar a ordenação do Padre Luís Gonzaga.

[...] Os Bispos não só foram proibidos de reunir-se, mas até de concelebrar publicamente na Igreja. Confinados pelas autoridades na residência episcopal do bispo de Lichinga, no mesmo dia da reunião, foram obrigados a tomar o avião para Nampula e, dali, para as respectivas dioceses.⁵⁴

No mesmo ano, a Conferência Episcopal redige uma carta pastoral em que se refere a três pontos fundamentais que se baseavam na liberdade religiosa, nas restrições à liberdade religiosa e na situação da proibição dos bispos de celebrarem publicamente na diocese de

⁵³ Cf. Paulo VI – *Evangelii Nuntiandi*, nº 39.

⁵⁴ Cf. Sousa e Correia, *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, 194.

Lichinga. Pediram ao mesmo tempo que se tivesse livre acesso de circulação, que o Governo concedeu sem sobressaltos da seguinte maneira:

Livre acesso e livre exercício da atividade religiosa em todos os lugares de cada província, tais como aldeias comunais, zonas libertadas, centros de reeducação, pois o direito de praticar ou não praticar uma religião está inerente ao cidadão moçambicano por direito natural ou por direito constitucional; revisão do processo de concessão de guias de marcha para a celebração do culto, facilidade de entrada de missionários estrangeiros ao serviço desta Igreja.⁵⁵

No dia 6 de Dezembro de 1978, o Governo responde às propostas feitas pela Igreja, pois reconhecia a preponderância do papel que desempenhava. Depois de muitas censuras da parte do Governo da Frelimo à Igreja Católica, respondeu com as seguintes diretrizes em relação à livre circulação: «As edições e distribuições de livros; aos direitos de associações; à ação social e à ação religiosa, em lugares públicos e fora de lugares de culto; à entrada e saída dos religiosos do país e a construção de lugares de culto.»⁵⁶

Com isso, a Igreja teve o que queria. No entanto, faltaram outras regras vigentes ao nível social como a “*Guia de marcha*” que não tinha nada a ver com os crentes e não crentes. Portanto, a libertação da Igreja não significava o fim dos campos de reeducação de pessoas improdutivas, das pessoas que viviam nas cidades sem algo para fazer ou com expressões como “*xiconhoca*.”⁵⁷ E, ao mesmo tempo, ao responder sobre a ação religiosa em locais públicos e fora dos locais de culto, disse:

A Igreja tem toda a liberdade de, nos locais de culto, organizar as suas cerimónias e ensinar a sua doutrina. Fora desses locais, ela não tem o direito de organizar atos de culto ou proselitismo. [...] Não é autorizada qualquer atividade religiosa ou instalações de locais de culto em unidades de produção, centros de ensino, unidades militares, etc. [...] é autorizada a assistência religiosa a doentes internados, desde que a pedido deles, ou quando incapacitados, a pedido de familiares diretamente responsáveis. [...] Iguamente a celebração de serviços religiosos funerários nos cemitérios é autorizada, desde que feita a pedido dos familiares diretamente responsáveis e não contrarie qualquer disposição em contrário do defunto.⁵⁸

Foram traçados vários pontos que poderiam reger a vida quotidiana da sociedade e dos serviços públicos. Foi proibida a discriminação com base na religião principalmente em relação aos trabalhadores da função pública, independentemente da religião que a pessoa

⁵⁵ Cf. Jaime Pedro Gonçalves - *A Paz dos Moçambicanos*; ed. O autor; Maputo, 2014, 43.

⁵⁶ Cf. Sousa e Correia, *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, 196.

⁵⁷ “*Xiconhoca*”- Bandido ou todo desconfiado no seio da sociedade em fazer atos macabros.

⁵⁸ Cf. Sousa e Correia, *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, 196.

professasse. Portanto, pautou-se no caminhar juntos para obter novos horizontes em prol de uma nova moçambicanidade em todos os patamares sociais. Aliás, a Constituição de Moçambique e as leis garantem a liberdade religiosa. O artigo 54º afirma: «Todos os cidadãos terão liberdade para praticar ou não uma religião. As denominações religiosas têm direito a prosseguir os seus fins religiosos livremente e a serem donos de bens ou a adquiri-lo para realizarem os seus objetivos.»⁵⁹

Quatro anos depois da Independência, as comunidades de Nampula cresceram massivamente. É neste período que surge a necessidade de criar novos grupos nas zonas de orações. Nestas zonas recém-criadas, também, precisava-se de pessoas com uma fé madurecida, batizadas e casadas canonicamente. As comunidades recém-fundadas tinham ministérios em todas as zonas de Nampula, tais como: a celebração da Palavra, a fraternidade, a justiça e paz e a caridade. As comunidades de Nampula tinham um espírito de saída, como disse o Papa Francisco na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre a Igreja em saída:

[...] é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído a beira do caminho [...]⁶⁰

A Igreja moçambicana, antes, era triunfalista ligada aos poderes políticos e, depois mudou para uma Igreja simples, pobre e separada do Estado. Era uma Igreja enlameada e fora da comodidade, da abundância e da dependência do poder político. Estava preocupada com a sua renovação interna, uma Igreja de comunhão, uma Igreja-família, recíproca e uma Igreja que estava no coração do povo. Para tal a nova Igreja fundada em Nampula tinha um espírito da dignidade na diversidade dos ministérios; empenhamento e responsabilidade de todos os membros; otimismo na esperança; espírito de revisão na palavra de Deus; a Eucaristia como fonte da vida das comunidades; a luta contra a discriminação e outros setores da vida social da Igreja.

[...] A liberdade consiste em que todos os homens devem estar imunes de coação, quer da parte de pessoas particulares, quer de grupos sociais ou de qualquer poder humano, de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja obrigado a agir contra a sua consciência, nem

⁵⁹ Cf. Anouil, et al., *relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, 516.

⁶⁰ Cf. Papa, Francisco, *Evangelii Gaudium*, (24 de Novembro de 2013), *Alegria do Evangelho, Exortação Apostólica* nº 46; ed. S.G.E, Braga, 2013, 38.

impedido de agir de acordo com ela, privada ou publicamente, [...] a liberdade religiosa tem realmente o seu fundamento na própria dignidade da pessoa humana, tal como dão a conhecer a palavra revelada de Deus e a própria razão.⁶¹

Hoje em Nampula, apesar de uma religiosidade crescente, assiste-se um crescimento das religiões de origem cristã. Portanto, temos várias que estão surgindo após a Independência. Não obstante, no que diz respeito ao povo macua e à sua evangelização, tão cedo, assumiram o anúncio de Jesus Cristo em toda a zona do interior da arquidiocese.

2.4 A IGREJA DE NAMPULA DURANTE A GUERRA CIVIL.

Em Maio de 1983, a guerra civil fez-se sentir em Nampula com as emboscadas nas estradas, ataques de transportes rodoviários, destruições de bens, violações humanas, desgraças e mortes incontáveis no seio da sociedade macua. A Igreja moçambicana é novamente convidada a repensar a guerra com uma nova mentalidade. «Interveio repetidas vezes a tentar o diálogo e a paz, porque havia demasiadas mortes, demasiada pobreza e demasiada desgraça.»⁶² Era uma guerra entre irmãos da mesma cor e nação, entre os que juntos lutaram para alcançar a Independência nacional. Neste ano, no território dos macuas começou-se a sentir também, uma guerrilha revolucionária de uso dos instrumentos contundentes, corte de membros superiores dos seres humanos, o fechamento das bocas dos secretários e membros que se aliavam à Frelimo e por fim prosseguiu-se com os ataques e incêndios das casas e aldeias.

Era uma guerra de desestabilização dos inimigos da Independência de Moçambique. Os dirigentes da Frelimo logo no começo transcenderam as suas capacidades, isso é, viviam imbuídos com as ideologias que não lhes permitiam ler a realidade política do país com mais objetivo. [...] Os homens da Renamo, cidadãos moçambicanos que tinham recorrido às armas.⁶³

Os ataques que se fizeram sentir tinham as suas causas e consequências. Mas o que incentivou essa guerra civil para ganhar um espaço tão crucial? Se esse confronto foi entre irmãos que durante muito tempo almejavam uma Independência, qual foi o cerne da sua

⁶¹ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Decl. sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, nº 2, Coimbra, 1998, 519.

⁶² Cf. Maria de Jesus Sousa Monteiro, *Peripécias de Deus no Mosteiro Mater Dei, Ame Awe Muluku*, Paulinas editora-Prior Velho, 2020, 105.

⁶³ Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 105.

motivação a pegar nas armas para incendiar um país jovem recém-independente? Ou melhor, foi por tribalismo ou regionalismo? Há várias questões que podemos colocar e ao mesmo tempo transcender as nossas capacidades. Mas a verdade é a única:

Em 1985, a Renamo não só intensificou os seus ataques como também tinha conseguido alargar o seu espaço de atuação em Moçambique, paralisando a vida económica e social do País. Por seu lado, o governo moçambicano intensificou as suas operações militares com vista a eliminação da Renamo: porém sem sucesso. É neste contexto de continuidade e de intensificação do conflito armado que, em 8 de Maio de 1985, o CCM (Conselho Cristão de Moçambique) dirigiu uma nova mensagem ao governo, salientando a urgência de realização de conversações que contribuíssem para o estabelecimento da paz no País.⁶⁴

O mais terrível é que uns chegaram até a matar homens que tinham a missão de cooperar para que se desenvolvesse o Moçambique pós-Independência. Não temos a pretensão de responder as primícias lógicas da causa dessa guerra, porém, a primeira resposta que nos aparece, é que a injustiça é a mãe da guerra.

O espírito de guerra surge e amadurece onde são violados os direitos fundamentais do Homem. Onde houver desprezo pelo Homem, os direitos e os deveres que lhe são devidos, aí haverá sementes de guerra. As situações de injustiças, as arbitrariedades, os abusos, as diversas medidas opressivas ou humilhantes alimentam e alargam estes focos de guerra. [...] A violação, os direitos fundamentais da pessoa humana geram um clima propício à guerra, criam e despertam a contestação, a rejeição e a revolta. A outra causa do espírito de guerra será certamente o abuso do poder. [...] Todos sabemos, porém, que o abuso, o desvio e a corrupção do poder levam ao mal-estar social e político, causam e promovem o espírito de revolta, de violação e de guerra. O abuso de poder gera efetivamente um clima de violência e de guerra.⁶⁵

A Igreja de Nampula tacitamente reconhecendo as causas dessa guerra não pôs limites a si própria. Encontrou um dos motivos cadentes para esse confronto fratricida nos factores e interesses claros de exclusão social. Como frisamos acima, a guerra civil na região de Nampula começou, como uma guerrilha, com a destruição das infraestruturas e de vários bens das Igrejas. A única missão que ficava num raio de trezentos quilómetros da arquidiocese de Nampula era a Missão de Iapala, que não sofreu ataques. De outras missões

⁶⁴ Cf. Carlos Gujamo, *A transição Democrática e a Manutenção da Paz em Moçambique entre 1992-2004*. Tese de Doutoramento em História, Universidade de Lisboa, 2016, 133.

⁶⁵ Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 109.

como a de Malema, Ribaué, Murrupula, Mutual, Namaita, Momola, Nacarôa, Natia, Mueria, Carapira, Alua e de outras, foram todas atacadas ou levadas a esvaziarem-se.

Esta guerra logicamente trouxe algumas atrocidades no seio da sociedade, diminuição da produção agrícola que causou uma tremenda fome, o medo da população, falta de ética, o roubo, os assaltos nos subúrbios das zonas urbanas aumentou, o êxodo rural e o baixo nível de escolarização. O espírito maligno reinava muito em todas as esferas sociais, seja na mata onde se encontrava a Renamo como nas aldeias e cidades onde estava sob controlo da Frelimo. Houve muitos homens intrusos na vida militar e que não se faziam notar em pleno dia e outros que eram forçados a defender a pátria sem nenhuma responsabilidade. Os trabalhos infantis e forçados, os casamentos prematuros, as epidemias e os boatos sobre os inimigos tiveram um espaço crucial. Outros para além de morrerem da guerra morriam por causa da miséria.

Neste tempo, o testemunho dos missionários era o do Evangelho no sentido de não só levar a Palavra de Deus, mas testemunhar com a vida. A presença da equipa missionária neste tempo da guerra salvaguardava muitas atrocidades de violências. Nesta altura também foi de um caos no seio clerical, pois poucos padres se ofereciam para trabalhar nas missões. O Evangelho e a proteção do povo foram uma das pastorais desse tempo. As tarefas dos missionários nestes anos concretizavam-se no rezar e no assistir as comunidades onde era possível.

O papel social da Igreja de Nampula era de estar sempre ao lado do homem oprimido pela guerra. Oferecia assistência médica e medicamentosa; formação das pessoas para os primeiros socorros, a promoção das mulheres nos cursos de cozinha, de costura, de agricultura e de alfabetização. Isso não significa que as pessoas não tivessem o conhecimento, porém, era necessário melhorar algumas coisas. Em algumas famílias eram ministradas formações específicas de natureza catequética, moral, bíblica e pastoral e do cuidado da economia doméstica em prol de custear as suas próprias vidas. Alguns missionários que se encontravam nas missões de Nampula recebiam ajudas de donativos dos seus respetivos países, visto que os campos agrícolas das missões nada produziam.

Tendo as machambas deixado de produzir comida, grassava no País a negra fome que fazia vítimas até nas cidades. Passámos a sobreviver de donativos. Havia em muitas aldeias pessoas mal reparadas em roupas. Doenças como a cólera matavam sem que as pessoas pudessem ser devidamente tratadas. O mais grave era a auto-destruição das pessoas. Criava-se muito ódio

no coração das pessoas. Os da Frelimo falavam dos Bandidos Armados como inimigos, seres da selva, dignos de morte. Os da Renamo consideravam os da Frelimo comunistas, dignos de desprezo e de morte.⁶⁶

Durante a guerra civil, a Igreja de Nampula passou maus bocados, viveu tempos muito penosos. Padres, Irmãs e animadores das paróquias foram humilhados. Muitos chegaram a ser presos por simplesmente serem cristãos e responsáveis por uma certa paróquia ou comunidade cristã. Foi neste tempo que a Igreja de Nampula começou a organizar reflexões sobre os direitos humanos, que mais tarde culminou com a fundação da Comissão Diocesana de Justiça e Paz. Doravante, com a dinamização deste grupo, em cada sexta-feira celebrava-se a missa dos defuntos.

No dia 4 de Outubro de 1984, a Renamo rapta as Irmãs da Missão de Namaita e passado alguns dias foram libertas. Os ataques dos militares da Renamo eram frequentes nas missões porque queriam os produtos perecíveis que lhes faziam falta. Saqueavam medicamentos e roupas assim como alimentos de primeira necessidade e muitas lojas já estavam destruídas pela guerra. Segundo o relatório da liberdade religiosa no mundo descreve:

Os bispos de Moçambique expressaram a sua preocupação com a deterioração contínua da situação política e militar no País, e apelaram a que o Governo e a Renamo deixassem as armas. No seu apelo os bispos exortaram ao retomar do diálogo entre as partes em conflito e ao envolvimento da sociedade civil nas negociações. Os bispos lamentaram a incoerência entre o que é dito e o que é feito e apelaram a gestos de Paz e reconciliação.⁶⁷

A presença das irmãs e dos padres estrangeiros principalmente da raça branca no meio de uma missão era muito importante, pois, para além de evangelizar, em algum momento traziam esperança na vida das populações. As Irmãs enfermeiras trabalhavam nas missões para ajudar os mais necessitados da guerra. Numa e noutra missão, os homens da Renamo raptavam as raparigas estudantes a fim de as fazer suas esposas. Apesar de tudo, a pastoral sempre prevaleceu, porém o sistema tinha mudado. As comunidades cristãs não tinham perdido os seus perfis. Os donativos que as ONGs (organizações não governamentais) apoiavam, encarregavam a Igreja com a respetiva distribuição nas aldeias. O povo sempre confiou na Igreja, do mesmo modo que as organizações internacionais confiaram na Igreja. Neste momento, já os missionários não andavam de transportes rodoviários, a pastoral de

⁶⁶ Cf. Gonçalves, *A Paz dos Moçambicanos*, 31.

⁶⁷ Cf. Anouil, et al., *relatório 2016, Liberdade religiosa no Mundo*, 517.

carro era muito arriscada. Os anciãos ou responsáveis das paróquias é que iam ao encontro das missões para levar as hóstias consagradas.

A Igreja de Nampula, sendo pobre e rica em consciência, sempre procurava ser bússola e esperança de um novo horizonte, porém, não se acomodou a esta situação de guerra. Tentou cada vez mais ajudar o povo. O seu Pastor sempre exortava que as armas e a morte do povo inocente não iam ser a solução dos problemas. Aliás, o Papa Paulo VI também já tinha exortado:

A Igreja não pode aceitar a violência, sobretudo a força das armas - de que se perde o domínio, uma vez desencadeada - e a morte das pessoas sem discriminação, como caminho para a libertação; ela sabe, efetivamente, que a violência sempre provoca a violência e gera irresistivelmente novas formas de opressão e de escravização [...].⁶⁸

Por isso, a Igreja estava contra todas as atrocidades que os beligerantes de ambas as partes cometiam. Ao nível das congregações que existiam dentro da arquidiocese, trabalhavam em comum. Também a economia era gerida a nível diocesano, isto é, não havia a caixa financeira de forma particular dos missionários ou dos diocesanos. Tudo era em comum como nas primeiras comunidades cristãs. Para além disso, respeitavam a liberdade expressiva e outras confissões religiosas. «"Na consciência de muitos intensifica-se a preocupação de respeitar os direitos das minorias de uma nação ...além disso, aumenta incessantemente o respeito pelos homens que professam uma opinião diferente ou outra religião."»⁶⁹

Nos primeiros anos depois da guerra civil em Moçambique, com enchimento dos regressados nas cidades e aldeias, houve falta de alimentação. «Tanto a Renamo como o governo não tinham alimentação para o povo nas respetivas zonas. A situação tornava-se extremamente crítica com a presença frequente da cólera. Era outra fórmula de guerra contra o povo que assim morria.»⁷⁰ Logicamente, com esta situação da fome e das doenças, «convocou-se uma reunião plenária das partes para estudar como elas deveriam respeitar o Pessoal da ONU e do Comité Internacional da Cruz Vermelha que distribuíam donativos às populações. [...]. Assim, vários governos, organizações humanitárias das Igrejas e outras foram ajudando o nosso povo até a paz.»⁷¹

⁶⁸ Cf. Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 37.

⁶⁹ Cf. *A Igreja no Mundo de Hoje*, trad. Manuel de Carmo Ferreira, editora Livraria Sampedro, 1969, 229.

⁷⁰ Cf. Gonçalves, *A paz dos moçambicanos*, 117.

⁷¹ Cf. Gonçalves, *A paz dos moçambicanos*, 117.

Como sabemos desde a história da humanidade, onde há a guerra sempre há marcas indeléveis; por isso, hoje com o fim da guerra civil em certos lugares da arquidiocese de Nampula chama a atenção, pelas estradas, campas dos missionários e missionárias que foram atacados neste tempo da guerra civil. Mas também há certas infraestruturas, tanto eclesiais como governamentais, que não foram recuperadas até aos nossos dias.

Capítulo 3

A IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA NA ATUALIDADE.

3. A RECONSTRUÇÃO DA IGREJA PÓS-GUERRA CIVIL.

Ao longo do segundo capítulo, a nossa abordagem central foi de uma Igreja em período de viragem. Ou seja, de uma Igreja “portugalizada” para uma Igreja “moçambicanizada.” Portanto, neste terceiro capítulo, pretendemos refletir sobre uma Igreja que venceu todas as atrocidades. Mormente como sabemos, na pós-Independência em Moçambique, houve a guerra civil que culminou com os acordos de paz em Roma. Neste momento a Igreja em Nampula foi convidada a repensar-se novamente e obrigada a seguir novos caminhos. Obviamente, sentiu-se a falta de vocações religiosas, e conseqüentemente houve escassez de sacerdotes. Dos poucos sacerdotes que existiam, uns perderam a vida durante a guerra civil, outros foram obrigados pelas circunstâncias a renunciar e a optar por outras realidades da vida, e um grupo muito reduzido foi mantendo o seu sacerdócio.

[...] África é teatro de guerras fratricidas que dizimam as populações e destroem as suas riquezas naturais e culturais. Tão tormentoso fenómeno, além de causas exteriores à África, tem também causas internas, como o tribalismo, o nepotismo, o racismo, a intolerância religiosa, a sede de poder, levada ao extremo nos regimes totalitários que calcam impunemente os direitos e a dignidade do homem. As populações oprimidas e reduzidas ao silêncio suportam, como vítimas inocentes e resignadas, todas estas situações de injustiças.⁷²

Portanto, optou-se por uma Igreja nascida no coração do povo macua, que é de comunhão de pequenas comunidades de serviços e anima os seus membros a viverem o Evangelho com dedicação. Isto não significa que a Igreja da arquidiocese de Nampula estivesse num mundo apostólico isolado. Após a guerra civil, a Igreja considerou que as comunidades cristãs devem estabelecer-se, desde o início, de tal maneira que possam responder a certas necessidades por elas mesmas. Foi assim que no primeiro momento reabriram as instituições eclesiais abandonadas. Mas também, apostou-se com o seminário propedêutico inter-diocesano “Mater Apostolorum” na formação dos futuros sacerdotes da arquidiocese de Nampula e das dioceses de Pemba, Nacala, e Linchiga.

⁷² Cf. João Paulo II, *Ecclesia in Africa* nº 117.

Atualmente com a implementação dos estudos filosóficos, o seminário ajuda também na formação dos seminaristas da diocese de Gurué. No mesmo empreendimento, optou-se pela capacitação dos animadores, catequistas que têm um papel muito preponderante na sensibilização dos irmãos cristãos, mostrando que a Igreja está nas mãos do povo macua. Todavia, cada um sente-se responsável pelo seu ser cristão. É neste sentido que a Igreja Católica em Nampula reativou e começou a considerar de perto a comunhão e a participação dos fiéis leigos na vida das paróquias; como dizia Paulo VI:

Os leigos, a quem a sua vocação específica coloca no meio do mundo e à frente de tarefas [...] a sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial, esse é o papal específico dos pastores, mas sim, pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. [...].⁷³

Os leigos, sendo responsáveis pela construção das novas comunidades no pós- guerra civil, desenvolveram várias atividades para o crescimento das respetivas comunidades. Os macuas, depois dessa guerra que tanto assolou em Nampula, estão convictos da sua fé e participavam fervorosamente na vida da Igreja.

Os fiéis leigos participam na vida da Igreja, não só pondo em ação os seus ministérios e carismas, mas também de muitas outras formas. Esta participação encontra a sua primeira e necessária expressão na vida e missão das Igrejas particulares, das dioceses, nas quais está verdadeiramente presente e atua na Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica.⁷⁴

A participação na reconciliação social pós-guerra civil é um processo muito vivido pelos membros das comunidades da Igreja em Nampula. Portanto, quando a Igreja quer realizar alguma tarefa, os cristãos correspondem positivamente. Transformar a Igreja em lugar de comunhão e de convivência de todos estava no primeiro plano. Porém, a comunidade cristã é entendida como aquela enraizada no ambiente que lhe é próprio. Assim, temos comunidades vivas enraizadas na fé cristã. A Igreja em Nampula é marcada por pequenas comunidades, optou por ser uma Igreja livre, uma Igreja que ilustra consciências, uma Igreja desafiada na formação humana, que luta pela justiça e paz e por uma Igreja de evangelização.

Com a reativação de certas paróquias que estavam submersas nas zonas de guerra, serviram como o motor de arranque para uma nova pastoral na arquidiocese. As paróquias

⁷³ Cf. Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 70.

⁷⁴ Cf. João Paulo II, *christifideles Laici*, (30 de Dezembro de 1988), *Exortação Apostólica pós-Sinodal, Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*, Lisboa, ed. Rei dos Livros, 4ªed, n° 25 1988, 74.

têm objetivos fundamentais como a catequese, a inculturação, a liturgia e a integração dos irmãos na vida cristã. As mesmas escolhem os leigos casados com uma vocação autêntica e boa experiência apostólica para fazerem parte do conselho paroquial. Atualmente para ser catequista não é preciso ter um nível de escolarização muito elevado, desde que se tenha uma base cristã acompanhada por boa vontade. Aqui está a lacuna da nova evangelização em Nampula, porque na pós-Independência quem quisesse ser catequista tinha no mínimo o 4º ano de escolarização do antigo sistema e recebia a formação de catequista-professor que tinha a duração de dois anos.

O curso dito no Anchilo, mais era de revolução. A revolução de mentalidade, de visões de Igreja e de métodos de trabalho, fosse no apostolado em sentido mais estrito, fosse nas atividades socio-promocionais [...] havia que despir a generosidade paternalista do bem-fazer aos pretinhos.⁷⁵

Os missionários são obrigados a ter um curso da inserção da língua local. Aliás, o Evangelho tem a sua eficácia na apreensão dos ensinamentos quando se transmite em língua local. É lógico que o missionário que tem determinada missão e não tem o mínimo tempo para aprender a língua local, enfrenta enormes dificuldades na sua evangelização. Porém, entra em jogo o relacionamento com a comunidade local e cria impasses de como ajudar em certos problemas das populações. Ora, podemos dizer que todo o missionário que não vai a tempo de se inculturar, volta da missão com uma bagagem de conhecimentos muito reduzido.

[...] Mediante a inculturação caminha-se para a reconstituição plena da aliança com a sabedoria de Deus, que é o próprio Cristo. A Igreja inteira será enriquecida também por aquelas culturas que, embora pobres de técnica, são ricas em sabedoria humana e vivificadas por profundos valores morais [...].⁷⁶

Hoje as paróquias da arquidiocese de Nampula, inclusive aquelas que se encontram nas zonas recônditas, são ricas em sabedoria de Deus e pastoralmente estão bem estruturadas. Para além de o pároco ser a única cabeça na paróquia, existem os auxiliares como animadores das paróquias, animadores das zonas e das pequenas comunidades. Estes funcionam segundo as suas áreas e normativas estabelecidas com o conselho paroquial.

A paróquia é, por sua natureza, o lugar habitual de vida e culto dos fiéis. Aí, podem exprimir e concretizar as iniciativas, que a fé e a caridade cristãs sugerem à comunidade dos crentes. A paróquia é o lugar onde se manifesta a comunhão dos diversos grupos e movimentos, que nela

⁷⁵ Cf. Luzia, *O Visionário de Nampula*, 2016, 41.

⁷⁶ Cf. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n.º 10.

encontram suporte espiritual e apoio maternal. Sacerdotes e leigos porão todo o seu empenho para que a vida da paróquia seja harmoniosa, no contexto de uma Igreja Família, onde todos sejam assíduos no ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações.⁷⁷

Pela experiência que temos nas paróquias da cidade não há muitas comunidades ao contrário das paróquias rurais. As paróquias rurais podem ter mais de quarenta a setenta comunidades e as paróquias urbanas o máximo de dez comunidades, como tem sido. Não obstante, nas zonas rurais, o pároco assiste com grandes dificuldades durante o ano uma vez ou duas vezes o máximo. Estas pequenas comunidades rurais são assistidas pelos anciãos, animadores ou crentes idóneos e maduros na fé. A Igreja ministerial na arquidiocese de Nampula nunca desapareceu. Os espaços religiosos na sua construção são compostos por materiais precários. As celebrações nestas pequenas comunidades são celebradas em língua local “Emakua”, pois o Evangelho compreende-se melhor nas línguas vernáculas.

Dado, porém, que frequentemente no uso da língua vulgar pode ser de grande utilidade para o povo, quer na Missa, quer na administração dos sacramentos, quer em outras partes da liturgia, poderá dar-se um lugar mais amplo à língua vulgar, especialmente nas leituras e admoções, em algumas orações e cânticos [...].⁷⁸

As celebrações nas Igrejas, nas capelas, ou na sombra de uma árvore frondosa são atos festivos onde com o canto jubiloso com os batuques e dança fazem parte da liturgia. «Aqui, soleniza-se muito mais a liturgia, pois o povo de Moçambique gosta de cantar, de se expressar pela música, dança e ritmos.»⁷⁹ Isto faz com que a própria liturgia seja viva na sua íntegra. Doravante, quando falamos da inculturação do Evangelho há sempre algo que escapa em toda a África. Será que as alfaias sagradas ou os paramentos devem ser do estilo europeu? Se introduziram as línguas locais para a compreensão e fácil apreensão da liturgia, a mesma importância deveria ser concedida ao uso de utensílios de fabrico local.

O modelo da Igreja em Nampula pós-guerra civil reflete a eclesiologia da modernidade, visto que a Igreja caminha sempre com o mundo e com a civilização humana. Porém, é isso que as paróquias pretendem vivificar no seu quotidiano, e fazem esforços de mostrar este sinal vivo da presença de Cristo no seio do povo macua, dando o seu testemunho.

⁷⁷ Cf. João Paulo II, *Ecclesia in Africa*, nº 100.

⁷⁸ Cf. Concilio Ecuménico Vaticano II- *Documentos Conciliares*, Constituições Decretos Declarações, Sacrosanctum Concilium, nº 36,2 Coimbra, 1998.

⁷⁹ Cf. Monteiro, *Peripécias de Deus no Mosteiro Mater Dei, Ame Awe Muluku*, 85.

3.1 O PROGRESSO DA ARQUIDIOCESE DE NAMPULA.

A atual arquidiocese de Nampula nasce no dia 4 de Setembro de 1940 como diocese. A sua ereção e constituição foi em 1941. Foi neste ano que Monsenhor Pietro Ciriaci, arcebispo titular de Tarso e Nuncio Apostólico em Portugal, por decreto executório de 12 de Janeiro desse mesmo ano, declara “ereta e constituída a Diocese de Nampula”, que abrangia as províncias de Nampula, Vila Cabral atual (Niassa) e Porto Amélia (Cabo Delegado), tendo a sua sede na Catedral de Nossa Senhora de Fátima na mesma cidade. Ora vejamos:

Demum Diocesim erigimus Nampuensem ab urge Nampula in qua erit sedes episcopalis, eique territorium assignamus provinciae civilis Niassa seu districtum Moçambique et porto Amélia. Cathedra autem episcopalis in erigenda ecclesia sub titulo B. mariae. V. de Fatima constituetur.⁸⁰

A diocese vem conhecer o seu primeiro bispo em 18 de Novembro de 1941, ano em que D. Teófilo José Pereira de Andrade foi sagrado bispo de Nampula. Em 29 de Junho de 1941, entra na diocese com o seu lema “Paz e Bem.” Ele governa a diocese por dez anos, tendo o seu sucessor D. Manuel de Madeiros Guerreiro vindo da diocese de São Tomé e Príncipe, e entrando oficialmente em Maio de 1951 e governando até 1967. O terceiro foi Dom Manuel Vieira Pinto (1967- 1984) como bispo da viragem do tempo colonial e pós-Independência. Foi com ele que a diocese foi elevada a arquidiocese, tornando-se, portanto, o primeiro arcebispo (1984 - 2000). Depois da sua resignação entrou Dom Tomé Makhweliha, sendo o segundo arcebispo (2000 – 2017) e o terceiro é Dom Inácio Saúre (2017-) que é agora o responsável pela arquidiocese.

Desde que a guerra civil terminou em Moçambique tem-se verificado um progresso muito significativo. É um desenvolvimento notório sob o ponto de vista de vários âmbitos, de modo particular na formação e na consolidação da Igreja. Há um crescimento gradual do número de sacerdotes diocesanos, seminaristas e dos candidatos nos institutos da vida consagrada, como nos disse o Papa João Paulo II: «Os Institutos missionários surgidos em África têm crescido numericamente e começam já a fornecer pessoal nem só para os países do continente, mas ainda para outras regiões da terra.»⁸¹ Deste modo, a Igreja que se encontra em Nampula, para além de estar ao serviço do povo macua, oferece outras vocações para outros continentes do mundo.

⁸⁰ Cf. D. Manuel Vieira Pinto, *Cartas Pastorais- Ano jubilar da diocese de Nampula, por ocasião dos 50 anos da existência como diocese*, s.d, Nampula, 1940-1990, 2.

⁸¹ Cf. João Paulo II, *Ecclesia in Africa*, n° 38.

As instituições católicas que se encontram em Nampula são de cariz social e por sua vez têm um legado muito próprio no campo da saúde, educação e na formação integral da rapariga, ocupando uma posição dominante em toda a arquidiocese.

Depois de muitas atrocidades na Igreja de Nampula com o seu povo, seja no tempo colonial ou no período da guerra civil, agora goza-se dum ambiente bem diferente. Atualmente a arquidiocese de Nampula tem 49 paróquias; 33 sacerdotes diocesanos, onze institutos religiosos masculinos e vinte e cinco femininos. As paróquias estão organizadas em pequenas comunidades, animadas pelos anciãos e padres. Cada comunidade paroquial tem os seus animadores, catequistas, jovens e adultos. O animador de zona fica reservado para fazer as preparações do sacramento do casamento. Para além destes ministérios já mencionados existem muitos outros de acordo com as necessidades das comunidades e da capacitação dos leigos.

O crescimento da Igreja de Nampula ao fim dos quinhentos anos de evangelização, constitui verdadeiramente uma obra de ação divina. No período contemporâneo da evangelização em que estamos, esta arquidiocese é de admirar a forma como se deu o seu melhoramento. A arquidiocese de Nampula ocupa uma vasta extensão territorial. Por causa disso, houve a necessidade de se criar uma nova Diocese de Nacala, em 1992.

3.2 A IGREJA CATÓLICA E OUTRAS RELIGIÕES DE ORIGEM CRISTÃ EM NAMPULA.

O Estado moçambicano, segundo a Constituição, é um estado laico. De tal modo não aceita que haja discriminação nas religiões e cada cidadão tem o direito de escolher a sua religião sem nenhum impedimento. Toda a religião, com as suas regras tradicionais constitui um conjunto particular de narrações e ritos que servem de mediações para estabelecer uma relação entre uma consciência individual e o transcendental. «[...] No contacto entre as várias religiões ocorre uma iluminação de cada uma delas. Neste sentido, todas as religiões têm um certo aspeto de universalidade, isto é, toda a religião é válida enquanto ilumina as outras religiões.»⁸² Cada uma delas dispõe de fontes de revelações que se afirmam serem nítidas de transmissão e de salvação. Neste sentido, a religião caminha com a cultura dos povos e desenvolve-se dentro dos seus parâmetros. «Em outras palavras, todas as religiões têm um

⁸² Cf. E. Schillebeeckx, et al., *Cinco problemas que desafiam a Igreja de hoje*, ed. Herder, São Paulo, 1970, 21.

papel histórico concreto a desempenhar na função da Igreja de proclamar a realidade absoluta do Reino de Deus. A Igreja de Cristo tal como aparece no Evangelho não pode ficar isolada e estar oposta às outras religiões.»⁸³

A Igreja Católica, com os irmãos de outras religiões, não há nenhuma desigualdade na convivência social. Porém, ao mesmo tempo, arquidiocese reconhece a importância que desempenha as outras religiões e valoriza ação de Deus nas suas inspirações como exorta o Vaticano II:

A Igreja Católica não rejeita absolutamente nada daquilo que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera com sincero respeito esses modos de agir e de viver, esses preceitos e doutrinas que, embora, em muitos pontos estejam em discordância com aquilo que ela afirma e ensina, muitas vezes refletem um raio daquela verdade que ilumina todos os homens [...] exorta, pois, os seus filhos a que, com prudência e caridade, por meio do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões e dando testemunho da fé e da vida cristã, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais, assim como os valores sócio-culturais nelas existentes.⁸⁴

Assim, a Igreja de Nampula sempre ficou em comunhão com os irmãos de outras religiões. Porém, o diálogo inter-religioso ajuda-os a ter novos horizontes e dá a possibilidade de interculturalidade de vários povos. Por esta razão, o Concílio Vaticano II afirma que, «[...] em todas as religiões há algo de intocável, isto é, os seus valores espirituais, morais e socio-culturais, que a Igreja não só reconhece, mas deseja até promover.»⁸⁵

Por isso, «a Igreja olha também com estima para os muçulmanos que adoram o Deus único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do Céu e da terra [...] veneram Jesus como profeta, embora O não reconheçam como Deus [...].»⁸⁶ Ao mesmo tempo, exorta o Sagrado Concílio que todos esquecendo as atrocidades do passado pratiquem mais o diálogo de irmandade e promovam conjuntamente para o alcance da justiça social, a tranquilidade, a liberdade para com todos os homens. Em Nampula, a convivência dos cristãos e muçulmanos é mais notória e contribui muito para a pacificação do país e uma sã vivência.

⁸³ Cf. Schillebeeckx, et al., 24.

⁸⁴ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Decl. sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs *Nostra Aetate*, nº 2 Coimbra, 1998.

⁸⁵ Cf. Schillebeeckx, *Cinco problemas que desafiam a Igreja de hoje*, 21.

⁸⁶ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, nº 3.

«As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamado a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacias, amabilidade ou tolerância. [...] O objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor.»⁸⁷

Um dos líderes da comunidade muçulmana em Nampula exortou os religiosos da sua confissão a que contribuam para o tal desejo do diálogo através da disseminação de mensagens que estimulem todos os cidadãos a abraçar a paz, independentemente da sua crença religiosa.

Comprometemo-nos a fazer a nossa parte para garantir a manutenção da paz e amor entre os homens. Esta nossa mensagem já é um contributo que vai ajudar a alertar todos os compatriotas de que a guerra destrói. Queremos que Moçambique continue a crescer social e economicamente, de modo a que possamos contribuir para um mundo justo e para que as gerações vindouras possam também viver em paz.⁸⁸

Toda a harmonização e a pacificação dos macuas deriva do facto de numa família existirem membros que professam religiões diferentes. Portanto, com este diálogo inter-religioso há menos conflitos e, inclusive, ações conjuntas em prol do progresso e do desenvolvimento. Fator desta simbiose religiosa são os casamentos mistos.

Dentro de Nampula os muçulmanos contribuem também para a educação. As escolas islâmicas são instituições de transmissão dos conhecimentos do Alcorão. Para além disso, também contribuem para a formação do ensino secundário e superior nas ciências humanas. Todavia, sobre estas escolas, sendo católicas ou islâmicas, o Estado moçambicano não reconhece a sua validade sem que sigam os parâmetros do sistema nacional de educação. As escolas católicas também são frequentadas por muçulmanos. Também acontece alguns católicos frequentarem escolas islâmicas. Isso revela o amor e a partilha comum que têm estas duas religiões monoteístas.

Não podemos, na verdade, invocar a Deus, Pai de todos, se nos recusarmos a tratar fraternalmente determinados homens, criados à imagem de Deus. As relações do homem com

⁸⁷ Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, (3 de Outubro de 2020), n.º 271, Paulus, Lisboa, p.181

⁸⁸ Palavras de um Imã da comunidade muçulmana, numa das mesquitas de Nampula.

Deus Pai e as relações do mesmo homem com outros homens seus irmãos, estão de tal maneira unidas [...] aquele que não ama não chegou de conhecer a Deus.⁸⁹

A África Muslims Agency, organização humanitária dos muçulmanos em Nampula, tem desenvolvido a propagação religiosa. Não só, mas também, tem feito a construção de mesquitas e tem dado apoio humanitário a exemplo da Igreja Católica, que tanto trabalhou e que continua a trabalhar na arquidiocese de Nampula. Por isso, a Igreja «Deseja, através da Evangelização, pôr o homem objetivamente em relação com o plano de Deus, com a sua presença viva e com a sua ação, ela leva-o, assim, a encontrar o mistério da paternidade divina que se debruça sobre a humanidade; [...]»⁹⁰ As duas religiões têm trabalhos extraordinários para a sociedade macua.

3.3 A PASTORAL ATUAL DA IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA.

Desde a década passada principalmente nos anos oitenta a Cáritas diocesana em Nampula vem desenvolvendo as suas atividades, mas com alguns constrangimentos. Porém, apesar de muitas limitações logísticas e particularmente devido à falta de quadros qualificados, desafiaram-se nas atividades de emergência por toda arquidiocese. Portanto, ajudam as populações refugiadas da guerra, como, por exemplo, no campo de refugiados de Maratane e os que atualmente foram assoladas pelos insurgentes na vizinha província de Cabo Delgado, no qual se encontram acolhidos por diversos distritos, nomeadamente o de Meconta. Cabe a Cáritas a sensibilização das populações, a formação e acompanhamento de modo a não criar dependências. «Coube, também, à Cáritas o lançamento e animação das campanhas quaresmais que tinham e têm por objetivo não só a oração, a formação da cultura da paz, mas também criar a mentalidade de que não se pode permanecer para sempre na situação de dependência do exterior. É preciso aprender a receber e a dar.»⁹¹

A Igreja de Nampula está sempre ao lado do Homem e quis sempre dar uma resposta social na saúde, através de vários empreendimentos, como o cuidar dos pacientes de tuberculose, a nutrição das crianças, a educação e a promoção da mulher. Alguns institutos religiosos a atuarem em Nampula desenvolvem uma ação de assistência a refugiados, a

⁸⁹ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Documentos Conciliares, Constituições Decretos Declarações, *Nostra Aetate*, Coimbra, nº 5, 1998, 640.

⁹⁰ Cf. João Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 53.

⁹¹ Cf. Sousa, *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, 200.

presos e a estudantes. O papel da educação ocupa um lugar muito preponderante na Igreja, por saber que ele é o impulsor da sociedade, apesar de a própria arquidiocese enfrentar várias dificuldades.

A Comissão arquidiocesana de Educação, por circunstâncias várias, não tem estado muito próxima da maioria das instituições educativas católicas da arquidiocese de Nampula. Em simultâneo e como consequência dessa falta de proximidade, as instituições educativas católicas não reconhecem na comissão um agente relevante do sector, o que tem como consequência que também não recorrem à comissão para apoio face aos diferentes desafios que têm pela frente. Neste contexto, à mudança de abordagem por parte da comissão e da arquidiocese, em geral, face ao sector educativo, deve corresponder uma mudança comportamental das instituições educativas católicas face à própria comissão, no sentido de uma maior exigência e uma maior colaboração de parte a parte.⁹²

A ação pastoral da arquidiocese de Nampula concentra-se na evangelização do povo, que se materializa através do anúncio da Palavra de Deus e do testemunho da caridade através do seu Mestre e Pastor, Jesus Cristo. Através dessa ação pastoral, a Igreja de Nampula desenvolve ações de evangelização como por exemplo a catequese e iniciativas sociais que possam ajudar no desenvolvimento e na luta da dignidade da pessoa humana para salvaguardar a sua integridade, nomeadamente, o complexo de inferioridade, a passividade, a alienação, a fome, a pobreza, e as injustiças.

A par da ação dos institutos, da Cáritas, a arquidiocese criou diversas comissões para as diferentes áreas de intervenção: Evangelização, Catequese, Liturgia, Vocações, Juventude, Leigos, Educação Cristã, Ecumenismo, Diálogo Inter-Religioso, Pontifícias Obras Missionárias, Cultura, Família, Infância Missionária, Justiça e Paz, Coordenação da Pastoral, Saúde e Animação Pastoral Missionária.

Não obstante, foram também criados centros de promoção pastoral e formação em diversas paróquias e em vários níveis, como é o caso do Centro Catequético de Anchilo e os pequenos centros de Namaita, Iapala e Angoche. Criou-se ainda o Centro de Promoção Vocacional “Maria do Sim” dentro da cidade de Nampula para encontros e capacitação dos religiosos.

Em Outubro de 2009, no sentido de fortificar a pastoral, criou-se uma associação designada ASA (Ação Social Arquidiocesana) para monitorar no apoio às diligências das

⁹² Cf. <http://www.fecong.d.org/pdf/publicações/educacaoArquidioceseNampula.pdf> 69; consulta feita no dia 20 de Outubro 2020, pelas 10:00.

comunidades cristãs, no âmbito da elaboração e realização de projetos de desenvolvimento social. Assim, a «ASA tem como principais objetivos apoiar a promoção e implementação de projetos e práticas que contribuam para um crescimento sustentável em áreas como a agricultura, a pesca, o artesanato, a educação e a saúde, contribuindo, assim, para o desenvolvimento a nível local.»⁹³ Também, em diversas paróquias nasceram vários movimentos laicais com o objetivo de apoiar a evangelização e a vitalização das comunidades cristãs católicas. No mesmo âmbito da vitalização criou-se AMCM - Associação das Mamãs Católicas de Moçambique que ajudam em diversas dimensões.

Portanto, ciente da ação modificadora que a Igreja de Nampula atualmente tem desempenhado na sociedade dos macuas, e tendo presente que a salvação pela qual o Homem anseia, a Igreja Católica tem vindo a desenvolver diversos projetos de natureza social procurando, desta forma, incentivar as pessoas a serem promotoras do seu desenvolvimento e da melhoria das suas condições de vida. Nesse sentido, a sua intervenção tem vindo a abranger os mais diversos sectores da sociedade, nomeadamente a saúde, a educação, o trabalho e a habitação, a alimentação, os direitos da pessoa humana, com vista a ajudar a criar condições para uma vida mais digna.

Um dos projetos com que a arquidiocese pretende dar o testemunho da caridade é a Aldeia da Esperança a cargo dos padres diocesanos. Trata-se de um projeto que visa dar resposta às necessidades da população de Nampula, em geral, e de Momola em particular, intervindo ao nível do acolhimento, assistência e educação de crianças vulneráveis como órfãos e crianças de pais extremamente pobres. Também, promove a formação pessoal e profissional como na Missão do Marrere, cultural e de lazer, procurando cada vez mais o bem-estar daquelas crianças.

Outro empreendimento pastoral pelo qual a arquidiocese é responsável é o Lar da Alegria, um centro de acolhimento e de assistência a idosos, abrangendo também os mais pobres e doentes. Aqui os doentes são cuidados e preservam a sua dignidade. Todavia, os Irmãos da Caridade, congregação religiosa fundada por Madre Teresa de Calcutá, ajudam na concretização deste projeto. O Lar da Alegria, à semelhança do que acontece com a Aldeia da Esperança, tem os mesmos objetivos.

A arquidiocese conta com a colaboração de diversas ONGs, fundações e associações nacionais e internacionais, nomeadamente: Fundação Teresa Regojo para o Desenvolvimento

⁹³ Cf. <https://www.arquidiocesenampula.org/page-id=29>; consulta feita no dia 20 de Outubro 2020, pelas 10:00.

(uma fundação portuguesa) fundada em dezembro de 2003 como ONGD. Tem a finalidade de promover o desenvolvimento integral dos povos ou das classes carenciadas e desprotegidas nas áreas da saúde, educação, sócio-económica e cultural. Tem dado a sua ajuda na missão do Marrere-Nampula, trabalhando incansavelmente no acesso das populações locais a água potável e à alimentação. APARF (Associação Portuguesa de Amigos de Raoul Follereau), fundada em 1987, presta assistência material, sanitária e moral às pessoas afetadas pela doença da lepra. MISEREOR, fundada em 1958, está comprometida na luta contra a pobreza, os doentes e os desprivilegiados. AIS (Ajuda à Igreja que Sofre), fundada em 1947, ajuda os Cristãos mais necessitados. MANOS UNIDAS, fundada em 1959, ajudam na educação. Estas e outras associações colaboram com a Igreja de Nampula.

Nas paróquias tem havido dinamização pastoral de acordo com a dimensão territorial e cultural. A pastoral atual tem sido uma grande preocupação no seio da Igreja católica. É uma pastoral que precisa de uma análise prévia, pois caminha com a modernidade. Para além disso, como frisámos no primeiro capítulo, Nampula em si é composta por populações mistas no que diz respeito à religião. Portanto, os cristãos acabam por não ter uma base consistente da sua fé. A fraca catequese acaba por desestruturar a comunidade cristã, desperdiçando-se pouco a pouco o seu rebanho, principalmente na camada juvenil.

Uma via que não há-de ser descurada na evangelização é a do ensino catequético. A inteligência, nomeadamente a inteligência das crianças e a dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procura exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história. [...] Além disso, sem minimamente negligenciar, seja em que aspeto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a Ele se entregar.⁹⁴

As situações mais notórias verificam-se em certos casos em recém-batizados, quando depois abandonam a Igreja; o mesmo acontece também nos matrimónios. Os párocos têm a missão de ser responsáveis por animar as pequenas comunidades mais recônditas das suas paróquias. Nampula tem uma pastoral ministerial em que todo o leigo encontra o seu espaço para dar a sua contribuição. Nas pequenas comunidades fora da paróquia, o animador da

⁹⁴ Cf. João Paulo VI-*Evangelii Nuntiandi*, n° 44.

comunidade é responsável pela celebração da palavra. Os padres fazem assim para que haja um enquadramento dos cristãos e para os fazer perceber que o sacerdócio batismal é um serviço exercido na Igreja. Agora, a Igreja Católica em Nampula caminha com os responsáveis das comunidades, os animadores das paróquias, os catequistas, a comissão da justiça e paz, a ajuda fraterna, a família, a produção, a tesouraria e outros setores. Porém, há os valores culturais que «numa Sociedade em franco ritmo de aculturação e em que novos valores e também pseudovalores se vêm sobrepor ou vêm suplantam os valores socioculturais locais que até agora, junto com os valores cristãos, sustentaram a sociedade moçambicana»⁹⁵, como é no caso dos macuas.

⁹⁵ Cf. Tomé Makhweliha, L'indirizzo d'omaggio rivolto al Santo Padre. L'Osservatore Romano, Domenica 27. Maggio 2007, 5.

Capítulo 4

OS DESAFIOS DA IGREJA CATÓLICA EM NAMPULA

4. OS DESAFIOS ATUAIS DA IGREJA DE NAMPULA.

A Igreja moçambicana, no geral, sofre uma certa transformação com a globalização social. Assim, é influenciada em certos desafios como a secularização, as dificuldades no sacerdócio, o problema do diálogo, da família e outros. A própria Igreja é convidada a um discernimento profundo sobre os novos desafios. Por essa razão, é urgente que a Igreja dê uma resposta coerente a um universo de temas que abarcam certas mudanças sociais da Igreja. É lógico que os desafios têm respostas difíceis. Primeiro, não podemos esquecer a urgência da Evangelização, e deve-se testemunhar o anúncio de Cristo para os que não O conhecem. Para que se possa responder com coerência aos desafios colocados, é precisa a formação das pessoas.

Em todos os setores da vida eclesial, tem capital importância a formação. De fato ninguém pode conhecer as verdades da fé que nunca teve a oportunidade de aprender. [...] a comunidade inteira precisa de ser preparada, motivada e reforçada em vista da evangelização, cada qual segundo a sua função específica no seio da Igreja. Isto implica os bispos, os presbíteros, os membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, os membros dos Institutos Seculares, e todos os fiéis e leigos.⁹⁶

Da mesma forma, os macuas são convidados a contribuir para o crescimento da própria Igreja que Cristo deixou ao seu cuidado. A Igreja de Nampula, ao dedicar-se na formação da fé, tem sido desastrosa para a camada juvenil. Muitos jovens não compreendem inteiramente os ensinamentos evangélicos e pensam que a Igreja é o lugar de encontros interpessoais ou seja, há uma ignorância que cada vez mais se espalha.

Em África, hoje, a formação da fé [...] fica-se muitas vezes, pela fase elementar, e as seitas facilmente se aproveitam desta ignorância. Torna-se, assim, urgente um sério aprofundamento da fé, porque a rápida evolução da sociedade fez surgir novos desafios, ligados particularmente aos fenómenos de desenraizamento familiar, urbanização, desemprego e ainda às múltiplas seduções materialistas, a uma certa secularização. [...].⁹⁷

⁹⁶ Cf. João Paulo II- *Ecclesia in Africa*, n°75.

⁹⁷ Cf. João Paulo II- *Ecclesia in Africa*, n°76.

Por isso, a Igreja católica que está em Nampula é tentada de várias maneiras. Os macuas vivem com enormes dificuldades os desafios da fé. Portanto, mesmo aqueles que têm uma base consolidada na fé, facilmente se perdem pelo caminho. Porém, o ser humano crê em algo que o transcende. Acontece que neste tempo de pós-modernidade, muitos crentes trocaram a fé em Jesus Cristo por coisas mundanas. Portanto, é urgente que a Igreja de Nampula se esforce no anúncio da palavra de Deus para que o Evangelho chegue ao conhecimento de todos os homens, de modo particular aos jovens que são o sal da terra e a luz do mundo.

Ao conjunto daquilo que é o apostolado evangelizador dos leigos, não se pode deixar de pôr em realce a ação evangelizadora da família, [...] é Igreja doméstica. Isso quer dizer que, em cada família cristã, deveriam encontrar-se os diversos aspetos da Igreja inteira. Por outras palavras, a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e onde o Evangelho irradia. No seio de uma família, se se tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados.⁹⁸

Para que haja isso, é preciso uma forte catequese para os jovens e para “os cristãos reencontrados.”⁹⁹ É indispensável a comunhão entre os sacerdotes e o seu bispo para que juntos respondam às exigências dos novos desafios, seja no campo evangélico, social ou cultural.

É imprescindível que os sacerdotes não sejam mais diplomáticos do que um pastor das ovelhas de Deus. Isto tem-se verificado em alguns casos. Todavia, é preciso uma formação humana permanente, uma formação na pastoral, uma formação intelectual para que o sacerdote apareça com uma sólida bagagem intelectual e espiritual no seio do povo. As famílias, no geral, devem ter:

A necessidade de uma sólida preparação dos que vão contrair matrimônio.” – “Impulsionar as condições sociais, económicas e legais que melhor salvaguardem a unidade e a estabilidade dos lares.” – Servir a família como “um lugar privilegiado onde se vive e transmite a fé”.— “Fazer um discernimento pastoral sobre as formas alternativas de união que hoje afetam a instituição da família, especialmente aquelas que consideram como realidade familiar as

⁹⁸ Cf. Paulo VI- *Evangelii Nuntiandi*, nº 71.

⁹⁹ Chamo “*cristãos reencontrados*” a todos aqueles que foram agarrados novamente pela graça de Cristo. Portanto, são pessoas que receberam os sacramentos na Igreja católica e que por certos motivos abandonaram a própria Igreja, e que hoje estão novamente na Igreja.

simples uniões de fato, desconhecendo o autêntico conceito de amor conjugal”.— “Promover os movimentos de associações de espiritualidade matrimonial.¹⁰⁰

Portanto, com estas pequenas formações as famílias podem assegurar a sua fé e conseguem ajudar os jovens. E, por sua vez, o sacerdote no meio do povo deve ser o reflexo de Cristo em todos os espaços em que se encontra. Assim, o povo santo de Deus pode reconhecer, na figura do sacerdote, o seu pastor.

É assim que a Igreja de Nampula pode superar muitos desafios em todos os sentidos. Além disso, há um desafio muito grande em quase todas as dioceses de Moçambique: alguns sacerdotes dão pouca assistência nas suas paróquias pastorais, passando a maior parte do seu tempo nas grandes cidades, à procura de melhores condições de vida. Esse tipo de comportamento faz com que alguns bispos andem agastados e frustrados com os seus próprios sacerdotes. Inerente a esta situação, nestes últimos decénios, em que proliferaram as seitas, os fiéis precisam de um acompanhamento mais próximo.

A missão da Igreja na sociedade contemporânea é permeada por desafios que são apresentados no quotidiano da Igreja, como demandas tanto nas áreas espirituais como sociais. A Igreja de Cristo precisa cada dia de estar mais alicerçada nos direcionamentos da Palavra e também de ampliar a sua visão de modo a atender a todas as prerrogativas para a expansão do Reino entre os homens.¹⁰¹

A Igreja inserida na sociedade macua presta muita atenção às novas realidades. E, por sua vez, o povo macua está atento às normas que regem a Igreja para que a Palavra seja pregada de modo sábio. É preciso ter presente que na pregação do Evangelho a mensagem é quase sempre a mesma da Boa-nova de ontem, de hoje e de amanhã.

O tempo novo em Nampula exige um modo novo de remar em direção aos desafios da palavra de Deus. Deve alicerçar-se no testemunho de vida, da palavra e da dimensão comunitária. Este testemunho de vida baseia-se na presença, na participação e na solidariedade nas comunidades cristãs. Estes elementos são primordiais em ordem a incrementar a sã evangelização de hoje. O evangelizador deve estar presente na vida do povo e participar na vida comunitária e solidária.

¹⁰⁰ Cf. Discursos do Santo Padre João Paulo II *aos bispos de América Latina em visita ad "Limina Apostolorum Petri et Pauli"*, 2001-2003.

¹⁰¹ Cf. Ronilda da Silva Ferreira Coelho. *Igrejas contemporâneas: práticas e desafios para uma missão integral*. <https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/intersaberes/article/viewFile/1095/886>, consulta feita ao 15 de Novembro 2020, pelas 8:30.

4.1 A PROLIFERAÇÃO DE CONFISSÕES RELIGIOSAS NA ARQUIDIOCESE.

Ao falar da proliferação de confissões religiosas em Nampula, carece de muita atenção nas suas abordagens. Decerto, nos últimos anos, o surgimento dessas “Igrejas” requer um estudo muito aprofundado. Muitos jovens abandonam as Igrejas de cariz sacramental para fundarem as suas próprias “Igrejas” e os mesmos intitulam-se como profetas ou apóstolos. Estas “Igrejas” podemos designá-las por seitas. Portanto, são grupos que se separam das outras comunidades. «[...] a seita é um grupo religioso numericamente restrito, que vive num estado de tensão perpétua diante da sociedade global, fechada à sua influência e exigindo perfeita lealdade e solidariedade dos seus membros.»¹⁰² Daquilo que se vive em Nampula há uma semelhança enorme. Aqui não queremos menosprezar aquilo que os nossos irmãos acham que é uma revelação recebida de Deus. Pois, falta de uma nítida reflexão sobre que tipo de “Igrejas” nos trazem e que nos querem evangelizar.

Seria de resto ingénuo e injusto atribuir um sentido pejorativo à palavra “Seita”. Na religião judaica, os saduceus, os fariseus, os essénios, eram membros de outras tantas seitas, que podiam ser inimigas, mas que sempre mereceram respeito. O próprio Cristianismo à nascença, foi uma seita antes de ser uma Igreja. [...]. De facto, de ponto de vista cristão, pode definir-se uma seita como uma comunidade cristã de tendências individualistas, tendo a Bíblia uma interpretação particular, muitas vezes fanática, e proclamado geralmente o próximo regresso de Cristo.¹⁰³

As comunidades de várias confissões religiosas, comumente designadas como “seitas”, que estão em Nampula nascem com pessoas que na sua maioria são pregadores sem nenhuma formação específica, isto é, sem nenhum curso teológico. Eles afirmam-se ter recebido um chamamento peculiar de Deus para anunciar o Evangelho e têm como objetivo fundamental mostrar o caminho de verdade a ser seguido.

Em Nampula existem centenas de confissões religiosas que pregam o retorno à pureza evangélica e se pautam pela moral, e exigem dos seus crentes um comportamento austero e religioso. Normalmente, são organizados em sistemas extremamente fechados e as suas decisões são tomadas por um líder (profeta ou apóstolo) que é considerado como um semi-deus. Dois estudiosos destes movimentos religiosos, Bernard Michal e Jean Renald, afirmam:

¹⁰² Cf. Jean Francois Mayer, *Les Sectes, Non-conformismes Chrétiens et Nouvelles Religions*, Paris, ed. Cerf, 1987, 8.

¹⁰³ Cf. Bernard Michal e Jean Renald, *História das Seitas e Sociedades Secretas*, Suíça, ed. Saída de Emergência, 2018, 97-98.

O homem é religioso por temor, por angústia, angústia que lhe sugere a sua posição de vítima. Agarra-se ao desconhecido que ultrapassa, a esse poder misterioso que maneja os cordéis da vida, de que ele julga depender, a que pede proteção a troco de uma fidelidade canina, ou com que assina uma aliança contra os outros, os que não fazem parte do clã. [...] O homem diviniza tudo.¹⁰⁴

Hoje em dia, o culto da feitiçaria nos ditos profetas como resultado da procura do bem-estar e de atrair os crentes para as suas Igrejas está a ganhar um espaço indelével na sociedade macua, mesmo sabendo as consequências negativas que estas práticas provocam. De fato, certas pessoas estão sendo vítimas de exploração pelos seus profetas.

Estas comunidades multiplicam-se com toda a facilidade, definindo-se quer por uma base do cristianismo quer por elementos de religiões e culturas tradicionais. A proliferação dessas comunidades em Nampula levanta certas dúvidas sobre a seriedade com a qual desenvolve as suas atividades. Na maioria, prometem a prosperidade de negócios. Algumas delas estão instaladas em quintais e os moradores das redondezas são massacrados com o barulho ensurdecido dos alto-falantes que amplificam as orações e os cânticos de louvor.

Não é tão fácil perceber se tais comunidades são de inspiração divina ou de interesses pessoais. A verdade é que, nos seus discursos, são cativantes ao ponto de arrastar massas de crentes de outras religiões. Pois, os seus profetas auto afirmam-se dizendo que fazem atos milagrosos, a curar várias enfermidades a exemplo de Cristo, oferecem empregos, oferecem bons lares matrimoniais, em suma são religiões que oferecem o bem-estar da sociedade em geral. Certamente, nada acontece de especial nas pessoas ditas curadas, os desempregados e os casamentos fora de uns atos mágicos e roubalheira para sustento do bem-estar do próprio profeta. «Os espíritos devoradores, destruidores e que mantêm o domínio sobre os que têm roubado a Deus nos dízimos e nas ofertas não querem perder as suas vítimas.»¹⁰⁵ Por isso, Moçambique é um país em que acontece tudo para todos, e a Igreja Católica é sempre convidada a repensar essas situações.

Aqui podemos colocar-nos algumas questões. Será que toda esta proliferação de Igrejas é de inspiração divina? As proliferações de confissões religiosas, que estão em Nampula e noutros lugares do país, têm um objetivo comum, cuja finalidade é financeira. Muitas delas não têm aval para exercer as suas funções e não têm nada a ver com a manifestação do Espírito Santo. Não obstante, são “Igrejas” que não têm nenhuma doutrina

¹⁰⁴ Cf. Bernard e Renald, *História das Seitas e Sociedades Secretas* 2018, 13.

¹⁰⁵ Cf. Joaquim Carreira das Neves (OFM), *As Novas Seitas cristãs e a Bíblia*, ed. Verbo, Lisboa, 1998, 177.

fundamental. Os seus crentes são “vaivéns”, isto é, andam de uma Igreja para outra sem nenhum compromisso com Deus.

A afiliação requer um processo de comprometimento pessoal. Neste espírito muitas seitas cristãs não praticam o batismo de crianças, mas apenas de adultos e adolescentes [...] é um ambiente em que acredito, mas não pratico. Não têm lugar nem a doutrina, nem os comportamentos são comprometidos. [...].¹⁰⁶

Muitas destas “Igrejas” são oriundas do Brasil. «No caso da IURD tem origem no Brasil, onde a principal língua é o português, tal como em Moçambique. Esta é a outra razão pela qual estes movimentos brasileiros escolheram o país para o seu trabalho missionário.»¹⁰⁷ Isto prova que a sociedade está desesperada. Revela que é uma sociedade que anda à busca de uma coisa que não existe. Pois, quando alguém está desesperado busca tudo menos nada. Essas Igrejas de hoje comportam-se como partidos políticos que têm um manifesto. Vem a mim e eu te darei o emprego, a cura, o bem-estar na vida social, até prometem aquilo que o próprio Pastor se esforça por conseguir. E quando chegar o tempo de falar das questões económicas como o dízimo, a voz do Pastor tem outra tónica, tem uma vivacidade mais convincente que a Palavra de Deus. Segundo E. Macedo «O dízimo é uma questão puramente de fé. Os que têm a fé para pagá-lo, também não terão fé para vencer as dificuldades financeiras que o devorador, com certeza, trará sobre eles [...].»¹⁰⁸ Só há uma verdade, as pessoas são usadas.

[...] É preciso que o que se propõe a ser dizimista saiba que os seus entes queridos, seus amigos e todo mundo vão certamente ser usados pelos seus respetivos espíritos dos vícios para tentar desestimular a sua fé; e é muito simples a razão: aqueles espíritos imundos que estão camuflados dentro deles, além de desejarem que o candidato a dizimista continue vivendo da maneira que eles vivem, miseráveis e dependentes dos vícios, querem continuar a ser seus senhores.¹⁰⁹

Uma vez que as Igrejas têm moldes de restaurar os valores da sociedade e hoje isto não é visto, somos arrastados para outro patamar de interrogações. Decerto, há muitos objetivistas dentro do cristianismo. Muitos manipulam o nome de missionários e são mercenários. Ora vejamos, há zonas onde há mais Igrejas do que hospitais ou escolas. Aliás o Papa Bento XVI diz:

¹⁰⁶ Cf. Mayer, *Les Sectes*, 8.

¹⁰⁷ Cf. Anouil, et al., *relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, 516.

¹⁰⁸ Cf. Neves, *As Novas Seitas cristãs e a Bíblia*, 176.

¹⁰⁹ Cf. Neves, *As Novas Seitas cristãs e a Bíblia*, 177.

Numerosos movimentos sincretistas e seitas surgiram na África durante os últimos decênios. Por vezes, não é fácil discernir se são de inspiração autenticamente cristã ou simplesmente fruto de um entusiasmo por um líder, com a pretensão de possuir dons excepcionais. A sua denominação e o seu vocabulário prestam-se facilmente a confusão e podem enganar fiéis em boa-fé. Aproveitando-se de estruturas estatais ainda não estáveis, do desmoronamento das solidariedades familiares tradicionais e duma catequese insuficiente, estas numerosas seitas exploram a credulidade e oferecem uma causa religiosa e crenças multiformes e heterodoxas não cristãs. Destroem a paz dos casais e das famílias por causa de falsas profecias ou visões. Seduzem mesmo os responsáveis políticos.¹¹⁰

Estas Igrejas em Nampula tornaram-se lugares de espetáculos onde existe o enriquecimento dos profetas e o espírito de pobreza dos seus fiéis. Há uma crise de valores em que as pessoas que não conseguem as suas promessas, vão andando de uma Igreja para outra. Apesar de tudo, a Igreja de Cristo, fundada sobre o alicerce dos Apóstolos, que foi confiada ao apóstolo Pedro, está boa e transmite valores doutrinários. O que acontece é depararmos com pessoas que estão em crise dentro das Igrejas. Pessoas que não buscam a identidade do ser cristão. Em Mt 6, 33 disse-nos: “procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo.” Porém, não é isso que acontece e encontramos pessoas que deixam Cristo e vão à procura de um Deus das coisas.

Certos pastores, para além de anunciarem o reino de Deus, passam a exibir as riquezas que alcançam com o esforço bolsheiro dos seus crentes. Os pastores estão em luta da busca dos rendimentos, buscando a riqueza em nome de Jesus Cristo. Todos nós acreditamos na existência de Deus, sejamos católicos ou protestantes. O erro surge quando os outros se particularizam para obter interesses pessoais. Hoje as Igrejas “seitas” que temos em Nampula são de mercantilização. Por isso, para a Igreja, sendo um cordão umbilical comum de uma sociedade em vista de obtenção da salvação, é preocupante encontrar numa zona dezenas de Igrejas “seitas.”

Estas Igrejas surgem com problemas financeiros, desemprego e pobreza. Os conflitos internos e a luta pelo poder dentro destas igrejas é algo repetitivo. Doravante, encontram na pobreza a fragmentação do tecido social e no desespero um terreno fértil para a sua proliferação.

¹¹⁰ Cf. Bento XVI- *Africae Munus*, n° 91.

4.2 A RECEÇÃO DOS ACORDOS DE ROMA NA IGREJA DE NAMPULA.

A nossa reflexão incide na receção destes acordos de 4 de Outubro de 1992, realizados em Roma. Desde o começo da guerra civil em Moçambique, houve um braço de ferro nos dois beligerantes. Mormente, o difícil foi o desmoronamento da cadeia existente entre eles. A Frelimo não queria saber da Renamo e vice-versa. Todavia, como sabemos, o processo das negociações durou vários anos. A busca da Renamo nas matas envolveu várias figuras nacionais e internacionais. Porém, a Igreja Católica, (IC), o conselho cristão de Moçambique, (CCM), a comunidade muçulmana de Moçambique, (CMM), e a comunidade de Santo Egídio da Itália foram mentores decisivos na pacificação de Moçambique.

No entanto, durante esse período de desestabilização política, económica e social vivido pelo povo moçambicano, fez-se ouvir a voz eclesial pelo envolvimento da comunidade religiosa na procura da paz. De 14 a 17 de Dezembro de 1982, teve lugar a reunião entre a direcção da Frelimo e do Estado moçambicano e os representantes das confissões religiosas existentes em Moçambique. Salientamos que o referido encontro tinha como objetivo pôr termo à tensão que caracterizava as relações entre as instituições religiosas, o partido e o Estado, no período imediatamente posterior à independência de Moçambique. Igualmente, a Frelimo e o Estado moçambicano pretendiam promover o envolvimento ativo das religiões, isto é, uma política governativa inclusiva, através do desejado processo de construção da nova nação e da sua unidade nacional.¹¹¹

Depois de terem alcançado a paz, os mentores da pacificação tiveram ideias comuns, expressadas de várias formas. A CCM, por exemplo, teve o lema “*transformar as armas em enxadas.*”¹¹² A CMM com a “*paz duradoira e o bem-estar do povo.*”¹¹³ Portanto, é de salientar que depois dos acordos, os muçulmanos também intensificaram as organizações e as comunidades para darem o melhor contributo no desenvolvimento da nação. Por fim, a IC, por sua vez, aparece com o lema de “*um ano de paz, nunca mais a Guerra.*”¹¹⁴ Também coube a cada bispo reorganizar a sua diocese para fortificar a integração dos irmãos regressados. «[...] Os bispos da nossa conferência organizaram os integradores sociais que foram os agentes de reconciliação nas aldeias e paróquias. As comissões de Justiça e Paz promoveram campanhas quaresmais de solidariedade e reconciliação.»¹¹⁵ Por isso, «O papel construtivo desempenhado pelas Igrejas, e especialmente pela Igreja Católica durante o

¹¹¹ Cf. Gujamo, *A transição Democrática e a Manutenção da Paz em Moçambique entre 1992-2004*, 131.

¹¹² Cf. Gonçalves, *A paz dos moçambicanos*, 130.

¹¹³ Cf. Gonçalves, *A paz dos moçambicanos*, 129.

¹¹⁴ Cf. Gonçalves, *A paz dos moçambicanos*, 130.

¹¹⁵ Cf. Gonçalves, *A paz dos moçambicanos*, 131.

processo de paz entre o atual partido no poder, Frelimo, e antigo grupo armado na oposição, Renamo, fortaleceu a posição da religião em Moçambique.»¹¹⁶ Foi assim que as comunidades cristãs em Nampula concretizaram o sonho de muitos anos. Sempre tiveram tantas expectativas no que respeita ao cessar das armas.

Na sequência da percepção de que o conflito estava bloqueado, o governo de Frelimo e a Renamo visualizaram a solução negociada como a melhor alternativa. Isto é, a percepção do empate militar mutuamente doloroso entre o governo da Frelimo e a Renamo contribuiu para o surgimento da motivação e da vontade das duas partes para negociar. Em Dezembro de 1987, Joaquim Chissano admitiu e encorajou o envolvimento dos líderes religiosos na procura da Paz para Moçambique. Este gesto sinalizava a motivação e a disposição do governo moçambicano em buscar uma solução para o conflito por via pacífica. Igualmente em Dezembro de 1987, através dos americanos, a Renamo fez chegar ao governo moçambicano um documento no qual apresentava as condições para a realização das negociações. Este gesto indicava de forma clara a motivação e a disponibilidade da Renamo no sentido de buscar uma solução negociada para o conflito. Portanto, os gestos manifestados pelo governo liderado pela Frelimo e pela Renamo demonstravam que o conflito moçambicano tinha atingido a fase de maturação, proporcionando a abertura das partes para o início de negociações com vista a pôr termo à guerra.¹¹⁷

A arquidiocese de Nampula nunca quis excluir os regressados da guerra que se integravam nas respetivas comunidades de origem para que se integrassem novamente. Em todas as comunidades cristãs criou-se condições para que se integrassem os irmãos recém-chegados, sem nenhuma discriminação.

Entre os cristãos e os irmãos regressados houve solidariedade. Foi um período de recomeçar a vida, e todos eles precisavam de ajuda. Alguns, para além de viverem nas zonas de concentrações, foram acolhidos por alguns cristãos. É de realçar que neste período o povo quase não tinha direitos humanos.

Numa sociedade multicultural, como é o caso de Moçambique, é fundamental o estabelecimento de uma ordem política que privilegia o respeito pelos direitos humanos e a participação inclusiva, de modo que a Paz possa ser preservada e efetiva. A democracia multipartidária emerge como um ambiente importante para a promoção da estabilidade política e social, desenvolvimento e manutenção da Paz.¹¹⁸

¹¹⁶ Cf. Anouil, et al., *relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, 516.

¹¹⁷ Cf. Gujamo, *A transição Democrática e a Manutenção da Paz em Moçambique entre 1992-2004*, 128.

¹¹⁸ Cf. Gujamo, *A transição Democrática e a Manutenção da Paz em Moçambique entre 1992-2004*, 14.

Além de os dois partidos que se encontravam em conflito, o povo já estava cansado do derramamento do sangue. Por isso, «Os cidadãos em geral desejam que haja um clima de paz a garantir a sua procura de bem-estar particularmente quando eles se encontram perante uma crise económica que ameaça todos os trabalhadores.»¹¹⁹ A Igreja Católica de Nampula intensificou mais a sua pastoral no apoio desses irmãos regressados. Para além de ajudar materialmente, também foi obrigada a prepara-los psicologicamente.

Durante muito tempo, a Igreja Católica trabalhou pela paz e reconciliação em Moçambique, mas ao mesmo tempo continuou a falar abertamente sobre os abusos. Os líderes religiosos criticaram frequentemente a corrupção, os monopólios de poder injustos e as tendências separatistas.¹²⁰

Portanto, em 6 de Março de 2015 os bispos moçambicanos escreveram: «A unidade nacional está a ser ameaçada por egoísmo e divisões políticas [...]. A consolidação da unidade nacional, que é um bem precioso para todos, uma riqueza de que não podemos desistir, nunca pode ser considerada como o monopólio exclusivo de alguns grupos fechados em si próprios e obcecados com a ganância pelo poder político e económico.»¹²¹

Apesar de Moçambique alcançar a paz, ainda há muito que fazer. A Igreja nunca ficou sossegada com várias situações do passado e do presente. Sendo ela o fruto de uma criação divina está sempre ao lado dos Homens. Porém, podemos afirmar que, na sua receção, os acordos de Roma já foram violados pelo regime político. É algo que deixa os mentores da paz, isto é, as comunidades religiosas e a comunidade internacional, muito preocupados.

4.3 O FUTURO DA IGREJA DE NAMPULA.

Como não sou futurólogo, não posso prever o que nos aguarda no futuro. Porém, farei algumas reflexões do presente que me parecem ser incontornáveis para o futuro próximo da Igreja de Nampula. Naturalmente, como ilustrámos nos desafios na abordagem anterior, podemos ter a mínima ideia da reflexão sobre a esperança da Igreja de Nampula. Que tipo de Igreja esperamos no seio da sociedade macua? Esta poderia ser a questão de todos os tempos. E a resposta não é de fácil articulação. Apesar de África ser vista como um continente de esperança do cristianismo, também existem fracassos na evangelização que obrigaram a criar novas estruturas.

¹¹⁹ Cf. *Comissão Nacional de Justiça e Paz*, Caminhos da Paz, Rei dos Livros Editor, Lisboa, 1992, 248.

¹²⁰ Cf. Anouil, et al., *Relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, 517.

¹²¹ Cf. Anouil, et al., *Relatório 2016, Liberdade religiosa no mundo*, 517.

A Igreja em África, devido aos diversos desafios, sentiu a urgência de criar estruturas eclesiais. Com efeito, as dificuldades pontuais que provieram de todas as partes do continente foram geradoras de comunhão na diversidade linguística-cultural. Tais elementos fizeram com que a união de perspetivas pelo vínculo da fé cristã fosse o elemento aglutinador entre os respetivos povos da mãe África.¹²²

A Igreja Católica que está no território dos macuas atualmente faz um trabalho fascinante. Ela encontra-se no meio de diversas religiões, como referimos quando tratámos do tema da proliferação das confissões religiosas. Logicamente, sem a pretensão pessimista da Igreja de Nampula, se continuar com o espírito de relaxamento da educação religiosa nas famílias, caminha para a desgraça. Doravante, teremos uma Igreja de cristãos não praticantes. Cristãos que usam o nome de Cristo em vão. Estes cristãos irão à Igreja com o desejo de serem ajudados moralmente nos momentos difíceis da sua vida. Portanto, aqui realço mais a educação religiosa da família, porque o futuro da Igreja passa pela família. É na família que há o primeiro anúncio de Jesus Cristo, através da catequese doméstica.

A ação catequética da família tem um caráter particular e, em certo sentido, insubstituível, justificadamente posto em evidência pela Igreja [...]. A educação pela fé feita pelos pais, a começar desde a mais tenra idade das crianças, já se realiza quando os membros de determinada família se ajudam uns aos outros a crescer na fé, graças ao próprio testemunho da vida cristã muitas vezes silencioso, mas perseverante, no desenrolar da vida de todos os dias, vivida segundo o Evangelho. [...]. A catequese familiar, portanto, precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese.¹²³

Nos macuas, a família representa o alicerce da religião. Se um agregado familiar se identificar como católico, muçulmano, ateu ou como sendo de religiões tradicionais africanas, há uma grande probabilidade das gerações vindouras da mesma linhagem seguirem pelos caminhos do seu agregado familiar.

Mormente, no caso de não haver um olhar muito penetrante por parte dos responsáveis, é evidente o futuro da Igreja de Nampula, e os macuas passarão a ver a Igreja como lugar de diversão, como lugar de encontros interpessoais, como lugar da apresentação da moda. Atualmente, os cristãos estão a caminhar para um mundo inexistente, vendo a Igreja como um lugar de convívio.

¹²² Cf. José Kambuta, *Os atuais desafios da Igreja em África*, ed. Universidade Católica, Lisboa, 2017, 30.

¹²³ Cf. João Paulo II- *Catechesi tradendae*, *Catequese para hoje*, *Exortação Apostólica*, nº 68, Braga, 1993,72.

Não obstante, se não tivermos muita atenção e um olhar crítico, como se tem verificado, teremos uma Igreja com má preparação e fraco conhecimento de Jesus Cristo no que diz respeito ao catecumenato. Portanto, vivemos num período em que não teremos a mínima preparação para a recepção dos sacramentos. Aliás, quando a pessoa recebe os sacramentos do modo mais rápido possível, a comunidade em si não se pergunta a si mesma se a pessoa tem as ferramentas suficientes para ser cristão.

A especificação da catequese, distinta do primeiro anúncio do Evangelho que suscita conversão, visa o duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo. [...]. Certo número de crianças batizadas na primeira infância chegam à catequese paroquial sem terem recebido qualquer outra iniciação na fé, e sem terem ainda uma adesão explícita e pessoal a Jesus Cristo; têm somente a capacidade para acreditar, que lhes foi conferida pelo batismo e pela presença do Espírito Santo. [...].¹²⁴

No que toca aos grupos da camada juvenil que são a semente lançada à terra e a esperança viva da Igreja, há um cenário muito preocupante. Nos seus encontros de aprofundamento espiritual, tem-se verificado que eles não têm bases consistentes e não sabem nada sobre a importância de um ato espiritual.

As circunstâncias do momento convidam-nos a prestar uma atenção muito especial aos jovens. O seu aumento numérico e a sua crescente presença na sociedade e os problemas que os assediam devem despertar em todos o cuidado de lhes apresentar, com zelo a inteligência, o ideal do evangelho, a fim de eles o conhecerem e viverem. Mas por outro lado, é necessário que os jovens, bem formados na fé e na oração se tornem, cada vez mais, os apóstolos da juventude. [...].¹²⁵

A grande preocupação da Igreja de Nampula no futuro é que possa vir a ser uma Igreja feminista. Portanto, verifica-se uma insuficiência de homens nas comunidades cristãs. O homem macua, sendo o chefe da família, participa poucas vezes nas atividades da Igreja. Assim, logicamente, teremos uma família cristã fragilizada. Apesar de a fé ser algo de individual, o Homem na sociedade macua influencia muito a crença.

Não obstante, temos de ter um olhar crítico sobre os nossos irmãos cristãos políticos. Se a Igreja não ter um olhar profundo, eles penetram o seio da própria Igreja com a sua

¹²⁴ Cf. João Paulo II- *Catechesi tradendae*, nº 19.

¹²⁵ Cf. João Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, nº 72.

política, mesmo sabendo que ela é uma instituição livre. Por isso, «o futuro não pertence a uma Igreja inveraz, mas a uma Igreja que sabe o que não sabe; uma Igreja que, precisamente por sua fraqueza e ignorância, confia na graça e na sabedoria de Deus. [...]. O futuro pertence a uma Igreja totalmente veraz.»¹²⁶ A Igreja Católica naquelas terras tem acolhido um “*cristão político*”¹²⁷ sem nenhum problema, na vertente de um irmão da mesma comunidade cristã e dá uma visão de um “*político cristão.*”¹²⁸ com muita atenção. Pois, o político cristão é capaz de desestabilizar a própria comunidade cristã.

Uma das ameaças para o futuro da Igreja de Nampula, para além de outras que mencionamos é divórcios. Decerto, como sabemos que o alicerce de uma comunidade cristã está nos casais. Quando nos casais não há eficácia, a comunidade cristã fica desestruturada. É notório que a família do casal fica sem horizonte a respeito da sua fé em Jesus Cristo.

¹²⁶ Cf. Hans Kung, *Veracidade: O futuro da Igreja*, ed. Herder, São-Paulo, 1969, 44-45.

¹²⁷ Uso o termo “*político cristão*” para aquele político que vai à Igreja para conquistar e corromper a massa associada aos seus interesses políticos. Tem-se verificado isso no tempo da campanha eleitoral em que muitos desses políticos são crentes que nunca participam na Missa.

¹²⁸ Designo de “*cristão político*” aquele cristão que antes de ser político é cristão por natureza e que tem a arte de governar, e a sua política não influencia a comunidade cristã.

CONCLUSÃO

Ao longo deste nosso estudo da “Igreja Católica em Nampula pós-independência: experiência eclesial do povo macua” fomos dando conta do contributo indispensável da Igreja de Nampula. Portanto, notou-se que foi no contexto das guerras que o povo macua conheceu os seus sofrimentos sentidos como injustiça, e a circunstância de escravização de muita gente, sensível ao sofrimento laboral que, mais tarde, criou o clima propício de mudanças. Foi então que se mostrou que a experiência de vida não é apenas serenidade, mas é também energia e indignação, fúria e profetismo.

Os macuas apesar de serem evangelizados era necessário que aprendesse a resolverem alguns dos problemas. Mas, apesar do homem poder resolver esses problemas, ainda restam as chamadas questões últimas, às quais só Deus pode responder. Efetivamente, se Deus existe, não pode haver mais do que um e, por assim dizer, não há possibilidades de oprimir o outro. Apesar de tudo o povo macua recebeu a evangelização com as tuas mãos.

Antes de mais, podemos dizer que o catolicismo em Nampula desempenhou um papel preponderante na emancipação da sociedade. A Igreja Católica que está na terra dos macuas, apesar de ser recebida com algumas atrocidades pelo povo macua também teve as suas alegrias. Constatámos que desde que a Igreja Católica chegou à terra dos macuas, houve sempre um adversário, as religiões tradicionais africanas. Além disso, a penetração do catolicismo em Moçambique, concretamente em Nampula, teve enormes dificuldades, pois a Igreja moçambicana pós-Independência, em geral, foi vista como fazendo parte do elenco colonial.

A Igreja de Nampula, desde o tempo colonial e no período da guerra civil, sentiu-se sempre pressionada na consolidação da paz. Aliás, mesmo atualmente, com uma paz fragilizada, a Igreja é convidada a refletir sobre certos assuntos de grande pertinência, pois o seu contributo é de capital importância.

Não obstante, fomos percebendo que depois de a Igreja ficar totalmente livre das circunstâncias políticas, esperava-se ansiosamente uma paz efetiva, coisa que sempre muito difícil de acontecer. Apesar de alguns líderes sofrerem o silenciamento na sua ação evangelizadora, a Igreja nunca perdeu o seu perfil. Estamos, pois, perante uma Igreja de um passado histórico inesquecível, de um presente em construção e de um futuro incerto.

Obviamente, nos tempos hodiernos, a Igreja de Nampula progrediu em vários âmbitos. Esta Igreja, no seu todo, é uma Igreja exemplar quando se trata do ecumenismo. Apesar da proliferação de confissões religiosas que vão ganhando espaço, a Igreja católica está bem assente no que diz e no que faz.

De uma forma mais concreta, notamos que a proliferação das religiões de origem cristã em Nampula precisa de um estudo aprofundado, pois, muitas dessas surgem ligadas a muitos interesses financeiros. O mais surpreendente em alguns dos seus líderes é não terem uma capacitação teológica para sustentar o seu pensamento. Aliás, algumas comunidades que estão em Nampula e noutros lugares do país são propriedades privadas.

A Igreja Católica em Nampula, apesar da existência de muita diversidade correntes e sensibilidades religiosas, privilegia e manifesta uma pedagogia de aproximação. Apesar de cada um ter os seus objetivos e interesses, existe algo em comum a todas as Igrejas que é Cristo. Obviamente, a arquidiocese de Nampula, sendo habitada por um povo multicultural, tenta perceber este contexto e encontrar caminhos adequados para a resolução de vários problemas. A Igreja é sempre chamada a pensar sobre assuntos políticos, sociais, culturais e até familiares. Aliás, num agregado familiar de macuas partilham-se várias religiões, isto é, nem todos na família são católicos, pelo que é necessário que exista um especial cuidado das famílias.

Assim, a maternidade do amor que tem prestado a Igreja Católica na terra dos macuas estende-se aos vários âmbitos das atividades pastorais. A Igreja que peregrina em Nampula tem a consciência de uma vocação missionária. Os macuas também são chamados e enviados a evangelizar. O envio permanente a ser “sal da terra” e “luz do mundo,” bem como a vontade de ser fermento evangélico. Obviamente, o objetivo da evangelização é bem claro e urgente; proclamar o reino de Deus e semear a paz. Portanto, Jesus não quer ver os seus discípulos fechados ou distraídos uns com os outros, mas empenhados em tudo na evangelização dos povos, na justiça e na fraternidade.

A arquidiocese tem desempenhado um papel predominante, em coordenação com o governo local e com as organizações não-governamentais, na expansão da rede educativa e a nível da solidariedade. Também, trabalha com os institutos missionários para que juntos contribuam para a dinamização do espírito missionário, nas paróquias e entre todos os cristãos. A ação pastoral baseia-se na celebração da Eucaristia, bem como na formação permanente dos clérigos e leigos.

A Igreja Católica também tem, assim, muitos desafios, os quais têm enormes repercussões dentro e fora da própria Igreja. Um exemplo é o caso de não assistência de algumas paróquias. A assistência das comunidades cristãs por leigos, ou seja, a Igreja ministerial em Nampula ainda é predominante. Não queremos tirar o mérito e a importância que estes leigos vêm desempenhando. Porém, é importante reconhecer que a presença de um sacerdote representa o próprio Cristo. Aliás, a Igreja é sempre ministerial com os seus leigos, o importante é cada um saber estar dentro da comunidade e fazer o seu dever. Igualmente, a Igreja tem enfrentado dificuldades de uma mentalidade mundana e pessimista, que acaba por fazer sentir os seus efeitos negativos na comunhão eclesial. Por outro lado, essas dificuldades pode ser o fruto de uma desorganização pastoral. Verifica-se também nos crentes muitas dificuldades a nível do amadurecimento da vida cristã e da fé.

Também, salientamos que o futuro da Igreja de Nampula depende do povo macua. Sendo uma Igreja particular tem ainda um futuro incerto. Não queremos concluir que tem um futuro negativo ou positivo, mas sim que dependerá do trabalho diário de cada pessoa, seja evangelizador ou evangelizado. Pois, a Igreja comprometida com a evangelização, olha com atenção e simplicidade para a realidade que enfrentam as suas paróquias em ordem a uma conversão pastoral e missionária. Todavia, com a força do evangelho, caminha à altura das necessidades do seu tempo.

O caminhar juntos em todas as esferas sociais é algo de importante, muito mais na Igreja. Daí a importância do sentido de pertença dos macuas à comunidade cristã é indispensável. Notamos que o ser cristão é revestir-se de Cristo e de toda a comunidade onde se partilha a fé cristã, pois pertencer a uma comunidade significa precisar mais de revestir-se de Cristo do que de qualquer outra coisa. Ora, nota-se em muitos cristãos a procura de um Cristo salvador que não existe. Portanto, a existência de Cristo que vem para salvar a humanidade decaída depende de cada um. O pertencer a uma comunidade cristã ajuda no crescimento e no amadurecimento da própria fé. Neste sentido de pertença, o cristão aprende a amar o outro em todas as dimensões.

Foi assim, que depois dos acordos da Paz em Moçambique, os cristãos foram solidários uns com os outros e com os irmãos regressados da guerra civil. As comunidades cristãs e outras confissões religiosas, em coordenação com as organizações não-governamentais, trabalharam arduamente para a intensificação da integração social de muitas famílias. Como tal, podemos concluir que o papel da Igreja Católica pós-Independência junto

do povo macua foi fundamental, dando hoje à Igreja presença e proximidade, com sementes de futuro, junto de um povo que alimenta um forte sentido de pertença e de comunidade.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

- Costa, D. Ernesto Gonçalves. *A obra missionária em Moçambique e o poder político*, ed. Franciscana, Montariol-Braga, 1996.
- Gonçalves, Jaime Pedro. *A Paz dos Moçambicanos*, ed. O autor, Maputo, 2014.
- Jardim, Jorge. *Moçambique terra queimada*, ed. Intervenção, Lisboa, 1976.
- Kambuta, José. *Os atuais desafios da Igreja em África*, ed. Universidade Católica, Lisboa, 2017.
- Luzia, José. *Igreja em Palhota, O renascer da Igreja Católica em Moçambique, Os ministérios de animadores Leigos Sementes de Futuro*, Paulinas, Prior-Velho, 2016.
- Luzia, José. *Manuel Vieira Pinto, O Visionário de Nampula*, 2ªed, Paulinas, Lisboa- Prior-Velho, 2016.
- Luzia, José. *Uma Igreja de todos e de alguém*, 3ªed. Paulinas, Lisboa-Prior-velho, 2014.
- Martinez, Francisco Lerma. *O povo macua e a sua cultura*, 2ªed, Maputo, Editora Paulinas, 2008.
- Monteiro, Maria de Jesus Sousa. *Peripécias de Deus no Mosteiro Mater Dei, Ame Awe Muluku*, Paulinas editora-Prior Velho, 2020.
- Pinto, D. Manuel Vieira. Arcebispo de Nampula, *Cristianismo: Política e Mística*, (antologia, introdução e notas de Anselmo Borges), porto, ed. ASA, 1992.
- Sousa, José Augusto Alves. *500 Anos de Evangelização de Moçambique*, Paulinas-Maputo,1998.

Documentos:

- A Igreja no mundo de hoje*, trad. Manuel de Carmo Ferreira, editora Livraria Sampedro, 1969.
- Bento XVI. *Africae Munus*, (*Compromisso da África*), *Exortação Apostólica pós-Sinodal*, Paulinas, 2011.
- Bento XVI. *Spe Salvi*, (*Salvos na esperança*), *Carta encíclica*, 3ªed, Prior Velho, 2008. Prior-velho, 2011.
- Catecismo da Igreja Católica*. Grafia de Coimbra, Lda-Libreria Editrice Vaticana, para a edição Portuguesa, 1993.
- Concílio Ecuménico Vaticano II. Decl. sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs, Coimbra, 1998.
- D. Manuel Vieira Pinto. Arcebispo de Nampula- *Cartas Pastorais-Ano jubilar da diocese de Nampula*, por ocasião dos 50 anos da existência como diocese, 1940-1990.
- João Paulo II. Discursos do Santo Padre João Paulo II *aos bispos de América Latina em visita ad "Limina Apostolorum Petri et Pauli"*, 2001-2003.”
- João Paulo II. *Ecclesia in Africa*, (*A Igreja em África*), tradução portuguesa (EP), Lisboa, Rei dos Livros, 2000.
- João Paulo II. *Familiaris Consortio*, (*Exortação Apostólica sobre a Família Cristã*), 5ªed. Braga; 1989.
- João Paulo II. *Christifideles Laici*, (*Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*), *Exortação Apostólica pós-sinodal*, Lisboa, ed. Rei dos Livros, 4ªed, 1988.
- João Paulo II. *Catechesi tradendae*, (*Catequese para hoje*), *Exortação Apostólica*, Braga, 6ªed, 1993.
- Paulo VI. *Evangelii Nuntiandi*, (*Evangelho aos homens de hoje*), 7ªed, Braga, 1990.
- Papa Francisco. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, (*Alegria do Evangelho*), ed. S.G.E, Braga, 2013.
- Papa Francisco. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, (3 de Outubro de 2020), nº 271, ed. Paulus, Lisboa, 2020.

Estudos e ensaios:

Anouil Régis, et al., Relatório 2016, (Moçambique) *Liberdade religiosa no mundo*, ed. Fundação AIS, Lisboa, 2016, 516-518.

Comissão Nacional de Justiça e Paz. Caminhos da Paz, Rei dos Livros Editora, Lisboa, 1992.

Concilium. *Revista internacional de Teologia-tema monográfico Famílias*, Verbo-Divino, Espanha, 2016.

Fischella, Rino. *A Nova Evangelização, Um desafio para sair da indiferença*, ed. Paulus, Lisboa, 2012.

Gaarder, Jostein. *O livro das religiões*, 3ª ed. Editora Presença, Lisboa, 2007.

Gujamo, Carlos. *A transição Democrática e a Manutenção da Paz em Moçambique entre 1992-2004*.

Joaquim Carreira das Neves (OFM). *As Novas Seitas cristãs e a Bíblia*, ed. Verbo, Lisboa, 1998.

Kung, Hans. *Veracidade: O future da Igreja*, ed. Herder, São-Paulo, 1969.

Laberthe, Philippe et Alii. *Etnologia e Antropologia*, 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2003.

Mayer, Jean Francois. *Les Sectes, Non-conformismes Chrétiens et Nouvelles Religions*, Paris, ed. Cerf fides, 1987.

Makhweliha, Tomé. L'indirizzo d'omaggio rivolto al Santo Padre. L'Osservatore Romano, Domenica 27. Maggio 2007.

Michal, Bernard e Renald Jean. *História das Seitas e Sociedades Secretas*, Suíça, ed. Saída de Emergência, 2018.

Nicuía, Eurico Jorge. *Igreja como família de Deus: aproximação para uma eclesiologia moçambicana segundo a Exortação Apostólica pós-sinodal*, 2007.

Rumo Novo. *Revista católica de inculturação e reflexão pastoral, Moçambique*, ano VII, Nº19, Agosto de 1997, P.8. in: *breve sunto sulla cultura maconde*, a cura di Nicoletta Diamanti, tratto dall' opera di Jorge e Margot Dias. Os macondes em Moçambique. Vols. I, II e III, Lisboa, 1964-1970.

Schillebeeckx, Edward, et al., *Cinco problemas que desafiam a Igreja de hoje*, Herder, São Paulo, 1970.

Documento de Internet:

<http://www.fecongdom.org/pdf/publicações/educacaoArquidioceseNampula.pdf> 69; consulta feita no dia 20 de Outubro 2020, pelas 10:00.

<https://www.arquidiocesenampula.org/page-id=29>; consulta feita no dia 20 de Outubro 2020, pelas 10:00.

Ronilda da Silva Ferreira Coelho. *Igrejas contemporâneas: práticas e desafios para uma missão integral*. Disponível em <https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/inter-saberes/article/viewFile/1095/886>, consulta feita ao 15 de Novembro 2020, pelas 8:30.